MARIA HELENA DE CAMPOS

1290000110
FE
TCC/UNICAMP C157c

CARNAVAL E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE PROCESSOS EDUCATIVOS NAS AGREMIAÇÕES CARNAVALESCAS PAULISTANAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia com habilitação em Administração Escolar da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação da Prof.ª Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

Campinas - SP.
1998

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA:
YCC/UNICAMP
C157c
V:
TOMBO: 110
PROC.: 124/03
C: D: X
PREÇO: R$ 11,00
DATA: 31/10/2003
Nº CPD: 310564

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

Campos, Maria Helena de.
C157c Carnaval e educação não formal : levantamento e análise de processos educativos nas agremiações carnavalescas paulistanas / Maria Helena de Campos. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação não formal. 2. Carnaval. 3. Cultura. 4. Negro. 5.Resistência cultural. 6. Aculturação. I. Simson, Olga Roddrigues de Moraes von. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof.ª Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Prof.ª Dra. Ana Maria Rodrigues Ribeiro

Campinas, agosto de 1998.

Dedico este trabalho ao Pek e aos meus sobrinhos - Bruno, Jaqueline, Cinthia, Isabela e Victor -, que são parte de minha vida, e, por isso, muito importantes.

AGRADEÇO...

Aos meus pais, por me iniciar neste caminho...

Aos meus irmãos - Renato, Ailton e Telma -, por me ajudar, ora direta ora indiretamente, a percorrer este caminho...

Aos amigos, pela compreensão e pelo apoio nos momentos difíceis do caminho...

Em especial, à Prof.ª Olga, pela firmeza e dedicação de quem ama e acredita naquilo que faz, por sua paciência e amizade nas horas difíceis, dando-me segurança e tranquilidade para continuar e terminar esta etapa.

À Faculdade de Educação e aos professores que ao longo desses anos colaboraram para que eu pudesse tecer mais esta etapa do meu caminho.

À UESP e à FESEC, pela atenção e pela colaboração.

À Sociedade Escola de Samba Rosas de Ouro, que abriu as portas para que este trabalho fosse realizado, meu agradecimento e meu carinho.

À todos aqueles, que de diferentes maneiras doam parte de suas vidas, dedicando e compartilhando seu saber, suas esperanças, suas angústias...tentando fazer deste mundo um mundo melhor, onde todos possam usufruir da vida.

E, acima de tudo, a Deus, que sopra a Vida, perfazendo o caminho...

"Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso
porque já chorei demais.
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe, eu só levo a certeza
que muito pouco eu sei, nada sei...
Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs.
É preciso amor p'ra poder pulsar,
é preciso paz p'ra poder seguir e
é preciso a chuva para florir.
Sinto que seguir a vida seja simplesmente
conhecer a marcha e ir tocando em frente.
Cada um de nós compõe a sua própria história
e cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz.."
(Renato Teixeira)

SUMÁRIO

I - Introdução (08)

II - Histórico

1. Do Entrudo às Agremiações Carnavalescas de hoje (25)
2. O Carnaval hoje (31)

III - Educação

1. Problema ou solução (38)
2. A escolarização da classe menos favorecida no Brasil (41)
3. Escolas de Samba: uma alternativa de Educação Não-escolar (50)

IV - As Escolas de Samba da Cidade de São Paulo

1. O processo de federalização das Escolas de Samba (67)
2. Projetos para a Comunidade (69)

V - Bibliografia

VI - Anexo

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

I - INTRODUÇÃO

"Longe é um lugar que não existe..."

(Leo Buscaglia)

A escolha deste tema surgiu a partir de algumas inquietações enquanto assistia um desfile de Escolas de Samba pela televisão. Eu me perguntava como um tema poderia se desenrolar em tantas alegorias, fantasias, samba-enredo, focalizado dentro de um contexto histórico-cultural, onde tudo se encaixava. Enfim, trazer à tona, via criação carnavalesca, conhecimentos relevantes para o cotidiano das pessoas, bem como questionamentos para sua vida.

O Carnaval é tido pelo senso comum e numa visão mais conservadora da sociedade como um destruidor da moral e dos bons costumes dos lares brasileiros, é a festa profana e alienante: "da carne e do pecado"; na qual nos Dias de Momo tudo é permitido sem o risco da culpa; onde todos são "iguais", ou seja, "*...o momento é de comunhão, não de diferenças*", como lembra Roberto da Matta (1977:28).

No entanto, produz na maioria da população uma espécie de encantamento seja para aqueles que dele participam ou para os que são meros espectadores "*A beleza tal como é desejada, preparada e sentida por aqueles que põem a festa na rua, tal como é recebida e sentida por quem a ela assiste e de que acaba participando*" (1996:07), como se refere Marlyse Meyer, em seu artigo na Revista Outros Olhares (nº1, 1996): "*O carnaval nos folguedos populares brasileiros*", no qual tenta falar sobre o carnaval brasileiro "*...em senso lato... sem maiores preocupações filosofantes*" (1996:07).

Muitas pessoas se espantam por ver uma aluna de Pedagogia tentando encontrar no Carnaval espaços educativos. Como já disse, esse tema já há algum tempo me chama à atenção, mas o conhecimento que trazia sobre ele era pequeno diante do enfoque que pretendia dar neste trabalho. Para ser uma interlocutora válida foi necessário passar do senso comum e me aprofundar no assunto Carnaval, a fim de desenvolver o tema a que me propunha: que era levantar e analisar os processos educativos nas Escolas de Samba Paulistanas.

É com os olhos de educadora, apesar do conhecimento limitado sobre o assunto Carnaval, que percebo a existência de algum tipo de educação perpassando por todo o processo carnavalesco. Entretanto, a minha formação acadêmica pede um aprofundamento maior.

Recorro à Antropologia, à História, à Sociologia, a fim de obter um conhecimento mais apurado e científico, para valorizar essa forma de cultura tão discutida e ao mesmo tempo esquecida. Discutida porque é alvo de muitos estudiosos, de diversas áreas do conhecimento; e esquecida por ser lembrada, pelos meios de comunicação, pelos espectadores, ciclicamente apenas no período carnavalesco.

Como já foi dito, eu não possuía conhecimento suficiente para argumentar as minhas hipóteses e fazer a ligação de Carnaval com a Educação. Por isso, inicio este trabalho contando a História do desenvolvimento do Carnaval e as mudanças nele ocorridas, desde sua origem na Europa até ser trazido para o Brasil, retraçando o caminho pela bibliografia que me permitiu conhecer melhor esse tema de pesquisa.

Focalizo a história do Carnaval por ter relevância diante da proposta do tema, por compreender que nesse período já existia um processo educativo perpassando esta festa, que, através do lúdico, da luta pela resistência cultural se constrói um tipo de educação que explode os muros da instituição escolar para acontecer nas comunidades carnavalescas. Porém, o que se pretende nesse trabalho, é levantar e analisar os processos educativos nas Escolas de Samba Paulistanas na atualidade e que acontecem além do período de Momo, e que podem transformar a vida de muitas crianças, adolescentes e jovens que vivem à margem da sociedade, fazendo-os agir como cidadãos conscientes.

O Carnaval brasileiro na atualidade é uma criação étnico-cultural e faz com que brancos e negros dele participem, de maneira diferente, mas participem. Os brancos tentando se "integrar" e os negros tentando se afirmar numa sociedade altamente discriminadora, segundo SIMSON (1989).

Para os brancos, muitas vezes, o carnaval não passa de um instrumento para o lucro, tendo assim o seu conceito reduzido e modificado conforme o envolvimento do folião e transformando toda a festa em uma mercadoria a ser consumida. Para os negros, entretanto, ele sempre foi um espaço de resistência, de afirmação étnico-cultural e de contribuição para a manutenção de sua identidade.

Os dias de desfile carnavalesco têm uma importância muito grande para os grupos negros que dele participam, pois foi uma forma criada por eles para superar a desestruturação advinda dos tempos da escravidão e afirma sua capacidade criativa na área da cultura e sua especificidade como grupo étnico.

Enquanto que para muitos brancos, o carnaval é tido como um período ótimo para arrecadar recursos financeiros para custear as atividades das agremiações de bairro. Para os negros, as atividades de lazer feitas durante o ano, visavam gerar fundos para montar uma boa apresentação carnavalesca - o Desfile de Momo.

Segundo SIMSON (1989), essa visão e valorização diferenciada do Carnaval pelos grupos negros, vem da época colonial, pois desde então eles aproveitavam as brechas criadas pela Igreja e, por meio de uma manifestação lúdica, deixavam sua denúncia contra os maus tratos sofridos, vendo uma possibilidade de ascensão social, através da influência exercida na sociedade mais ampla a partir de sua atuação nesses espaços, fato possível porque o período carnavalesco sempre se caracterizou por uma liberalidade dos controles sociais.

Os negros exercem diferentes formas de resistência no seu dia-a-dia, através da sua produção cultural, procurando, de forma pacífica, maneiras de se adequarem à sociedade, construindo seus próprios espaços:"*A capacidade dos negros de utilizar o âmbito da cultura para se opor à dominação branca e conquistar espaços na sociedade brasileira, denomina-se resistência inteligente*" (SIMSON, 1989:25).

Um exemplo dessa resistência é a dança dos Caiapós na cidade de São Paulo, realizada no século XVIII até meados do século XIX, conforme Olga von Simson relata em seu artigo *"O negro paulistano enquanto folião carnavalesco e sua longa trajetória em busca da cidadania"* (Estudos Afro-asiáticos, nº 13, 1987). A Igreja abria espaço para a participação dos negros nas festas religiosas e esse espaço era transformado em espaço de luta e de afirmação social. A dança dos Caiapós surgiu como primeira manifestação de caráter lúdico dos negros, e, era realizada durante as procissões em São Paulo. Apesar de ser uma dança apresentada pelos pobres e negros, era aceita nos cortejos solenes, pois devido ao batuque atraía a população para assistir e acompanhar as procissões.

Em meados do século XIX, a dança dos Caiapós foi banida das procissões, passando a ser encarada como dança de "gente ruim", sendo então apresentada no período carnavalesco.

Os negros tinham a consciência do valor que sua atuação carnavalesca possuía como fator de afirmação do grupo negro na sociedade o que poderia permitir a ascensão social de seus descendentes.

Neste sentido, existe a preocupação de estar formando os seus descendentes para agirem no espaço carnavalesco, seja nas Escolas de Samba, Associações Carnavalescas, Grupos de Afoxés, etc., como também para atuarem diante de uma sociedade capitalista que massacra aquele que não estiver preparado (formado e educado) para nela trabalhar.

Na maioria das famílias negras, desde cedo se ensina as crianças a tocar instrumentos, a cantar e a dançar o samba, assim como se faz de maneira espontânea a introdução dos jovens no folguedo carnavalesco.

É interessante observar que várias Agremiações como as Escolas de Samba: Mangueira, Beija-flor e a Mocidade Independente no Rio de Janeiro; os grupos afros: Olodum e Ilê Aiyê em Salvador e outros mais, se preocupam em fazer um trabalho, seja esportivo ou de atendimento via creches e escolas comunitárias, o que ultrapassa os limites do período carnavalesco.

Esses projetos acabam por substituir as responsabilidades do poder público, uma vez que são assumidos pelas Escolas de Samba, no caso do Rio de Janeiro:

> *"O trabalho comunitário da Mangueira tem implicações políticas relevantes. Em primeiro lugar, ...evidenciam a disputa do espaço político com o tráfico de drogas: ao pretender formar uma 'nova consciência', o trabalho comunitário é concebido como algo que pode ajudá-la a afastar o perigo do tráfico e assim encontrar 'seu caminho melhor'."*
> (CHINELLI, 1993:70),

contribuindo para que a criança e o adolescente receba uma Educação segundo ROUSSEAU: *"A Educação em sentido amplo tem por objetivo a formação da pessoa humana em todas as suas dimensões"* (CERIZARA, 1990:39).

Em São Paulo, algumas Agremiações também possuem esta preocupação.

Em outros tempos, a Nenê da Vila Matilde, a Peruche, a Tom Maior, a X-9 Paulistana, por exemplo, desenvolviam projetos com as crianças como: bateria-mirim, confecção de intrumentos de percussão e passistas-mirins, mas estas experiências foram extintas, por várias razões, inclusive a falta de recursos financeiros para levar adiante seus projetos. Hoje, temos algumas novas tentativas dessas experiências na Escola de Samba Maravilha, na Colorados do Brás e na Rosas de Ouro (a única do grupo especial).

Esse trabalho feito por essas agremiações visa além de formar os membros da própria agremiação para o samba, prestar ajuda aos pais que precisam trabalhar e não têm onde deixar seus filhos, e ainda, envolver a criança ou o adolescente num processo de educação, formando o cidadão, construindo com ele os valores que são importantes para o seu desenvolvimento enquanto ser humano, e assim, afastá-lo da rua, das drogas e da prostituição, amenizando inclusive o insucesso escolar:

"...Trata-se de um projeto pedagógico que pretende ser mais amplo... o projeto tem um objetivo ainda mais ambicioso: o de contribuir para a formação de uma 'nova consciência' na comunidade.."
(CHINELLI, 1993:70).

O trabalho é feito em horário diferenciado do da escola formal, uma vez que é necessário que a criança em idade escolar esteja nela matriculada para participar dessa experiência de educação não-formal ou não-escolar. Segundo Almerindo Janela Afonso (1992),

"Educação Formal é um tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas; (...) Educação Não-formal embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém das escolares) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a sua finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto" (p.86-87).

Ou seja, a Educação não-formal, é um tipo de educação onde seus conteúdos, métodos e objetivos são adequados aos interesses e às necessidades dos educandos, não obedecendo à instruções oficiais (currículo, frequência, permanência). A decisão de aprender é voluntária, por parte do educando, quer seja pelas mensagens veiculadas, por uma curiosidade de aprender determinados conteúdos, por um interesse político associado à aquisição de certos conteúdos ou por uma atração pelo ambiente social que é criado, ele é cativado e inserido no espaço onde ocorre o aprendizado, conforme SIMSON (et allii, 1997).

É importante ressaltar que a educação não-formal ou não-escolar visa determinadas intenções no ato de educar,"*...podendo informar, provocar emoções, fazer os educandos sonharem ou levá-los a criar algo novo em qualquer campo das ciências, das artes ou do domínio do corpo, ou da política*" (SIMSON at allii, 1997:03-04), garantindo a formação de um cidadão sensível, crítico e participativo e podendo, ainda, servir de apoio à educação formal, uma vez que tudo isso leva à conscientização da importância do aprendizado formal, porém de forma livre, e contextualizada.

Com isso, apesar das mudanças ocorridas, no mundo do Carnaval, as agremiações carnavalescas parecem ser ainda um espaço onde é possível notar a presença de uma educação não-escolar, através da qual o indivíduo aprende a conquistar seu espaço na sociedade, aprende os rudimentos de uma profissão, aprende a descobrir a importância da cultura do seu grupo étnico e social, escondida ao longo da história oficial, aprende a ser um elemento participante do processo histórico que ele vai tecendo junto com seu grupo e entendendo assim o conteúdo da cidadania.

Acredito que este espaço educativo existente nas Escolas de Samba, em Associações Carnavalescas e nos Afoxés, funcionam como um espaço de educação interdisciplinar, não-escolar ao ser utilizado para uma melhor apreensão de conhecimentos, de maneira mais prazeirosa e sobretudo mais concretamente vivenciados.

Pretendo nesse trabalho fazer um levantamento dos espaços educativos existentes em agremiações de samba da cidade de São Paulo, funcionando durante o ano todo com caráter lúdico-educativo, envolvendo principalmente as crianças da agremiação e do bairro onde esta se localiza.

A escolha da cidade de São Paulo para o desenvolvimento desse trabalho, se deu devido a não existência de projetos para a comunidade ligados às agremiações carnavalescas na cidade de Campinas, onde o Carnaval se restringe ao período de Momo.

Assim, além de um levantamento bibliográfico nas áreas de Ciências Humanas e Educação, estarei localizando junto à União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP) e à Federação das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas do Estado de São Paulo (FESEC), quais as agremiações que possuem esse espaço para o trabalho de educação não-formal paralelo às atividades carnavalescas. Num próximo passo, escolherei uma agremiação para estar fazendo a observação participante.

UNICAMP - BIBLIOTECA

"Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a Educação. Com uma ou com várias: Educação? Educações. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida(...)não há uma forma única nem modelo único de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. Em mundos diversos a educação existe diferente...Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios de aprender..." (BRANDÃO,1994:7,9-10).

Através do trecho citado de BRANDÃO (1994), é possível notar que a todo momento de nossa vida estamos aprendendo e ensinando alguma coisa. Sendo assim, o carnaval tem todo um processo educativo que perpassa suas atividades.

Maria da Glória Gohn (1997) traz também um conceito de Educação bem amplo e associado ao conceito de cultura, remetendo-nos a conceber Educação como um processo que construímos durante toda a nossa vida e não como uma educação estanque conforme nos é passado pelas instituições oficiais.

"...a educação é abordada enquanto forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos, que os indivíduos fazem de forma isolada ou em contato com grupos e organizações."
(GOHN, 1997:05).

Segundo FREIRE (1993), o senso comum só se supera a partir dele e a superação do saber do senso comum se dá através do conhecimento mais crítico, menos ingênuo que o indivíduo tem do mundo. Este movimento implica numa diferente compreensão da História.

A partir do momento em que o indivíduo começa a olhar o seu cotidiano com mais criticidade, com questionamentos, permitindo-lhe visualizar uma forma diferente de ver o mundo que não usual, ele começa a sentir a realidade como um processo de transformação, vai vendo a história como um movimento contínuo, processual, dialético, de maneira a recusar as explicações deterministas e fatalistas, percebendo-se como sujeito desta história, que também faz história. Enfim, penetrando na essência dos fenômenos. Dessa maneira, o senso comum vai se transformando, pois passa a ser uma atividade com base em investigação racional e metódica dos fenômenos.

Com isso, o carnaval como *"uma atividade festiva - que tem um conteúdo de reunião e congraçamento dos indivíduos que dela participam sem nenhum objetivo produtivo, buscando somente estarem juntos para se divertir..."* (SIMSON, 1981:43), pode fornecer elementos para a construção do conhecimento científico, a partir de conhecimentos cotidianos da vida dos indivíduos que dele participam.

Ao longo do tempo, os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, aliados ao capitalismo selvagem, exercem um poder sobre as pessoas tornando-as passivas diante de fatos, de informações, de momentos culturais que apresentam. O Carnaval não escapa disso, pois é tido como o "maior espetáculo da Terra" e assim alvo de exibição através de um enorme aparato de comunicação. Muitas vezes, o carnaval tem seu valor cultural minimizado, sendo apresentado como uma mera mercadoria para consumo, tentando esconder sua capacidade crítica, construtiva e enquanto objeto de estudo de várias áreas do conhecimento científico, como: Sociologia, Educação, Antropologia, História, Política, Economia, Filosofia, Teologia, etc..

Falando em Educação, segundo VYGOTSKY (1994), o aprendizado é o processo fundamental para a construção do ser humano. O desenvolvimento da espécie humana e do indivíduo está baseado no aprendizado que sempre envolve a interferência, direta ou indireta, de outros

indivíduos e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados. O aprendizado se dá através da interação com o outro, nas relações sociais.

O conhecimento trazido pelas Escolas de Samba, através do desenvolvimento do seu enredo; o trabalho nos barracões com a confecção dos carros alegóricos, das fantasias; a escolha do enredo; a composição do samba, etc.; bem como dos projetos pedagógicos que algumas têm, contribuem para o desenvolvimento do indivíduo, à medida em que ele vai se relacionando com as coisas e as pessoas. O indivíduo entra em contato com esse conhecimento e, depois o interioriza, consolidando a aprendizagem.

É importante lembrar que é na mediação com o outro que se abrem novas possibilidades de aprendizado, que são as zonas de desenvolvimento proximais, chamadas por VYGOTSKY (1993). Portanto, o conhecimento vai sendo constituído socialmente sobre o plano das interações no qual o indivíduo faz sua, uma ação que tem significado inicialmente partilhado*"O conhecimento se afirma como atividade que dá significado às ações do homem no mundo."* (MEKSENAS, 1994:13).

A educação trazida pelos indivíduos, transmitida pela família, no convívio com amigos, na rua, na leitura de jornais, revistas, livros, na televisão, etc. são consideradas como temas da Educação Informal.

Almerindo Janela Afonso (1992), define educação informal como*"...a educação que abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado."* (1992:86).

Maria da Glória Gohn (1997), num estudo sobre a *"Educação Não-formal no Brasil: anos 90"*, afirma que no Brasil, até os anos 80, a Educação Formal (escolar/oficial) foi o centro das atenções quando comparada à Educação Não-Formal e Informal, tanto pelos educadores como também pelos responsáveis pelas políticas públicas, que tentaram adequar a Educação Formal às necessidades de formação de mão-de-obra para o desenvolvimento econômico do país. As políticas públicas da época eram voltadas para uma educação profissionalizante, a qual formaria o indivíduo para o trabalho que exigia dele uma educação específica, que a Escola oferecia, bastava aprender um ofício que já o qualificava para o mercado de trabalho. Portanto, a educação não se preocupava com o indivíduo como um todo, desenvolvia

nele as habilidades que o levassem ao sucesso profissional, visando o crescimento econômico do país.

Clareando algumas das diferenças entre Educação Não-formal e Educação Informal, GOHN (1997) apresenta alguns pontos relevantes para evitar confusões: A) Quanto aos objetivos - na Educação Não-formal existe uma intenção em alcançar metas, qualidades; enquanto que na Informal o processo é mais espontâneo, ainda que contenha valores e representações - .como a família, por exemplo. B) Quanto ao local onde são desenvolvidas as atividades - na Educação Não-formal, os lugares são variados como: associações de bairro, sindicatos, partidos políticos, igrejas, associações sociais e culturais, etc.; e na Educação Informal, em todos os lugares onde houver espaços de possibilidades educativas, ao longo da vida dos indivíduos.

Cabe lembrar também o conceito de Educação Formal, para uma visão completa desses tipos de educação. Segundo Almerindo Janela Afonso, *"Educação Formal é um tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas"*(1992:p.86).

Com as mudanças ocorridas e diante do processo de globalização da economia e da cultura, a educação também procura se adaptar ao novo modelo econômico, que requer indivíduos que saibam trabalhar em equipe, comunicativos, criativos e com formação multidisciplinar.

Já com a redemocratização do país, nos anos 80, passou-se a reviver momentos de mobilização e de organização da sociedade civil, através da organização de grupos sociais que até então eram marginalizados pela sociedade dominante, segundo GOHN (1997). Da situação de marginalidade passaram a sujeitos da sociedade, fazendo da educação seu instrumento de mudança, tornando-se peça importante do processo de redemocratização ocorrido, alcançando alguns avanços como a conquista de espaços na política social bem como novas leis.

"As políticas sociais se alteraram e a maioria dos movimentos sociais populares urbanos passaram, progressivamente, a serem menos reivindicativos e mobilizatórios da população, e mais participativos de ações e projetos coletivos voltados para a solução de problemas sociais..." (GOHN, 1997:02).

Através de uma educação de caráter não-escolar conseguiu-se uma 'brecha' na sociedade para a participação da população menos abastada. E, é assim que a população mais pobre consegue atuar na sociedade.

Um exemplo vivo disso acontece nas agremiações do samba, geralmente localizadas em setores periféricos das cidades, onde existe uma grande concentração de pobres e negros, que procuram na agremiação um espaço de lazer, de convívio, de aprendizado.

Como já foi citado neste texto, algumas agremiações procuram fazer dessa oportunidade um gesto concreto de cidadania desenvolvendo projetos que visam tirar essa população do caminho da marginalidade como também propiciar-lhes um momento onde seja possível perceber a possibilidade de mudança de vida.

Essa possibilidade se assemelha ao exemplo dos grupos sociais que reivindicavam melhorias para os problemas sociais. Os membros desses grupos sociais precisavam de conhecimentos para fundamentar suas propostas e planos, capacitar e formar lideranças...e o faziam enquanto grupo.

Com isso, um tipo de educação que não era muito privilegiada, começa a despontar como alternativa de transformação e de atuação para uma parte da sociedade que é discriminada e excluída das decisões de poder, da política, da economia, foi colocada à margem por não corresponder ao modelo pautado pelo sistema. Esse tipo de educação é a Educação Não-formal que acontece em lugares diferenciados como os sindicatos, as igrejas, os partidos políticos...

Conforme GOHN (1997), muitos autores pensam a Educação Não-formal como sendo uma ausência, com relação à Educação Escolar (formal), levando em consideração apenas os elementos relativos a organização e a estrutura do processo de aprendizado.

GOHN (1997) apresenta um conceito de Educação Não-formal mais abrangente e, na minha visão, mais completo, uma vez que não descarta os diferentes espaços e modos onde a educação possa ocorrer:

"Estamos utilizando a expressão 'Educação Não-formal' para designar um processo com quatro campos ou dimensões, que correspondem a suas áreas de abrangência. O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, isto é, o processo que gera a conscientização dos indivíduos à compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca, por meio da participação em atividades grupais. O segundo, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro, a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a organizarem-se com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos. O quarto, e não menos importante, a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados. Aqui o ato de ensinar se realiza de forma mais espontânea, e as forças sociais organizadas de uma comunidade têm o poder de interferir na delimitação do conteúdo didático ministrado assim como as finalidades a que se destinam àquelas práticas." (GOHN, 1997:06).

O conceito de educação é ampliado não se limitando simplesmente a uma forma de educação que é ministrada nas escolas públicas e privadas, mas reconhece o indivíduo como um ser que pensa, age, sente, que traz consigo uma cultura que precisa ser respeitada para que ele possa crescer, desenvolver. *"A educação de um povo consiste no processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente, gerando a cultura política de uma nação."* (GOHN, 1997:05/06).

O âmbito da cultura vem sofrendo um processo de mudança em nossas sociedades através do qual o objetivo é unificar para melhor controlar os povos, as pessoas. Concordo com Maria da Glória Gohn quando apresenta um conceito de educação interligado ao de cultura, pois a cultura faz parte da identidade do ser humano, são os valores - aprendidos, construídos e reconstruídos - ao longo de sua vida, que norteiam seu caminho, e sem isso o indivíduo fica perdido, sem rumo, sem referencial. Portanto, uma possível unificação da cultura sugere uma educação em massa, sem respeito aos educandos, à sua vivência, ao seu ritmo de aprendizado. Enfim, o educando sendo tratado como uma tábula rasa onde são 'jogados' os conhecimentos e a partir de métodos pode-se moldá-lo ao modelo exigido pelo mercado globalizante dos dias de hoje.

Segundo GOHN (1997),

"A cultura é concebida como modos, formas e processos de atuação dos homens na história. Ela se constrói na história, está constantemente se modificando mas ao mesmo tempo, é continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidos de geração a geração." (p.05),

por isso a educação precisa estar vinculada à cultura, pois as ações dos indivíduos são carregadas de valores culturais trazidos por eles mesmos.

A Cultura Popular, na forma do carnaval é um desses espaços onde a educação acontece:

"...sempre que possível, criaram formas peculiares de solidariedade para dentro da classe, e de resistência e manipulação para fora dela. Elaboraram as suas crenças e valores de representação do mundo, mesmo quando observando a escrita da ideologia dos seus senhores. Construíram estilos e tecnologias rústicas dirigidas aos seus usos do cotidiano. Inventaram rituais sagrados e profanos. Tudo isso a que se dá o nome de 'Cultura Popular'."
(BRANDÃO, 1994:104).

O negro, nas suas relações, está sempre buscando o resgate de si e do grupo a que pertence. Assim, *"... criar, recriar, devir, renascer são sinônimos de mediações que revelam o mundo negro como não sendo passivo, estático, apenas submetido."* (GUSMÃO e SIMSON, 1989:218). Contudo, essa submissão vai se transformando, à medida em que é trabalhada de maneira a buscar na cultura, modos de tentar superá-la. Portanto, a aparente passividade esconde esforços que permitem que ele (o negro) construa seus próprios espaços.

A cultura negra brasileira é criada através desses espaços que vão sendo conquistados, constituindo *"...uma fonte permanente de resistência a dispositivos de dominação..."*, segundo GUSMÃO e SIMSON (1989), mantendo o elemento negro presente no Brasil criando sua própria identidade. A partir disso, ele vai produzindo espaços educativos para que essa resistência persista e sua identidade seja mantida, afirmando-se na sociedade e na história.

A Escola de Samba é um lugar de expressão da cultura negra, pois o batuque, o samba no pé, a ala das baianas são exemplos que explicitam raízes culturais que os negros trouxeram do tempo das senzalas e que perduram transformadas até os dias de hoje, mesmo diante das mudanças ocorridas no universo carnavalesco. Isso caracteriza principalmente os grupos negros, pois no tempo da escravidão, tinham que criar formas para que não fossem completamente alijados de sua identidade, de sua cultura. Assim, o espaço cultural existente na Escola de Samba propicia um aprendizado concreto, significativo.

Podemos notar que as Escolas de Samba, nos seus projetos, praticam a Educação Não-formal ou não-escolar, uma vez que objetivam ajudar no desenvolvimento de crianças e adolescentes como cidadãos de amanhã, que estarão atuando na sociedade e para formar os sambistas futuros que substituirão quem hoje faz o samba. Desde muito cedo já os ensinamentos são passados de pai para filho, para que seus descendentes tomem o seu lugar.

Em tempos de globalização, não somente os negros mas também várias outras etnias excluídas pelo sistema, procuram um espaço para se identificar.

A Escola, pública e privada, muitas vezes, nega-lhes a chance de mostrar seu potencial, provocando neles desinteresse e aversão.

Olhando para o trabalho que algumas Escolas de Samba do Rio de Janeiro e de São Paulo já fizeram, observamos que muita gente encontrou na Escola de Samba um lugar onde foi respeitado, por aquilo que era e que podia melhorar, transformar-se, sonhar, fazer...

Esses projetos abrem espaço para que a Educação aconteça de maneira espontânea, porém concebendo o indivíduo como um ser completo que precisa trabalhar, brincar, aprender, fazer, sonhar...enfim, tudo o que o complete como ser humano que é.

Na minha opinião, esses projetos são muito importantes, pois possibilitam a recuperação e a valorização de pessoas, através do respeito pela cultura que carregam, promovendo uma relação de pertencimento, inicialmente com a comunidade, e depois, com a sociedade; o desenvolvimento total do indivíduo; a integração dos seres humanos tidos como 'indigentes', 'trombadinhas', 'vagabundos', 'viciados', na sociedade, sendo que a própria sociedade muitas vezes lhes nega (ou lhes usurpa) uma oportunidade.

"O verde-e-rosa da Mangueira e o verde-e-branco da Mocidade Independente de Padre Miguel já não brilham só nas fantasias de seus componentes, mas também no uniforme das equipes de atletismo mantidas pelas duas agremiações. Na Beija-flor, as cores azul-e-branco ultrapassam os limites do barracão e do atelier e vão decorar as paredes de uma creche e um educandário..." (O GLOBO, 22/02/90).

II - HISTÓRICO

1. Do Entrudo às agremiações carnavalescas de hoje
2. O Carnaval hoje

"O samba não morreu nem morrerá, por mais que os pessimistas o lastimem e a moda o modifique."

(Beth Carvalho)

1. Do Entrudo às Agremiações Carnavalescas de hoje

Segundo Maria Isaura Pereira Queiroz (1992), em seu livro *"Carnaval brasileiro: o vivido e o mito"*, o carnaval chegou ao Brasil através de colonizadores portugueses, marcado por contribuições culturais vindas de toda a Europa; a cultura africana juntou-se, após algum tempo, a esse esquema de origem européia.

Em Portugal havia o Entrudo - significava entrada da Quaresma -, era o antigo carnaval camponês que festejava a entrada da primavera e acontecia nos dias que precediam a fase de penitência quaresmal.

As práticas festivas existiam em algumas partes do país e com os variados tipos de folguedos, porém com alguns elementos constantes como D.Quaresma, por exemplo. As atividades iam desde desfiles pelas ruas até festins onde se consumiam comidas à base de carne de porco, além de bailes e danças, grupos de mascarados, etc..

Com o tempo esses festejos começaram a sofrer modificações: nas aldeias manteve-se a mesma forma, porém nas cidades maiores os folguedos carnavalescos passaram a ser realizados nas ruas e de maneira mais sofisticada. Começam a ser observadas claramente, as barreiras sócio-econômicas, pois o Entrudo e o Carnaval coexistiam em Portugal: o Entrudo nas aldeias, baseado

> "...em laços familiares e nas relações de vizinhança, utilizando materiais que existiam ao alcance da mão - água, farinha, cinzas, lama - os folguedos (citadinos) tinham suas funções distribuídas sempre segundo as divisões de sexo e de idade..."
> (QUEIROZ, 1992:39).

Nas cidades maiores, com o passar dos tempos o Entrudo foi desaparecendo graças a propaganda da imprensa que trazia as novidades, as práticas modernas e graciosas de outros lugares da Europa, dando assim lugar aos folguedos mais sofisticados, ou seja, que não eram rústicos e grosseiros, nos quais estavam representadas a classe econômicamente dominante das cidades.

O Entrudo e o Carnaval, na década de 50 em Portugal, estavam em extinção; porém o Entrudo foi mais resistente persistindo até 1954. As possíveis razões para esse desaparecimento foram: a ditadura de Salazar da década de 30 - seguindo uma das orientações de fomentar a exploração das colônias africanas -, o deslocamento de gente e de recursos, a emigração de trabalhadores para outros países depois da II Guerra Mundial.

Ao retornarem a Portugal, esses trabalhadores traziam consigo costumes urbanos considerados evoluídos, que aprenderam nos países onde estavam exilados e, que agora, tinham o desejo de modernizar o seu país, inclusive o Carnaval. A mudança era de grande importância já que atingia não apenas a cidade como também o campo.

No Brasil, no período colonial, o Entrudo era o folguedo dos Dias Gordos; na metade do século XIX, ele foi substituído pelo Carnaval, primeiro nas cidades, depois nas vilas e lugares mais afastados do centro, com algum refinamento em suas práticas quando comparado ao antigo modelo português. No século XX, o Carnaval sofreu uma grande modificação, com o aparecimento das Escolas de Samba, trazendo com elas grande participação popular.

Os folguedos no Entrudo eram os mesmos por todo o país e suas práticas seguiam o modelo vindo de Portugal. Nessas manifestações, os escravos limitavam sua 'participação' na fabricação dos elementos carnavalescos e na organização da festa, além de poder servir de alvo para os foliões brancos, seus senhores, os quais lhes atiravam água e farinha. Assim, as atividades festivas seguiam as divisões étnicas e sócio-econômicas existentes na sociedade.

Em 1840, o Entrudo começou a ser substituído pelo chamado Grande Carnaval, que era o carnaval burguês.

A vinda da família real para o Rio de Janeiro, instalando a sede do governo ali, acelerou *"...a passagem de sua condição antiga de burgo de certa importância para a condição de cidade que ambicionava ser tão progressista e refinada quanto as da Europa"* (QUEIROZ, 1992:50). Entre outros fatores, o café havia colaborado nessa transformação, pois começava a ser cultivado na região e

UNI[illegible]TECA

teve uma expansão rápida, enriquecendo as famílias que ao invés de relações de vizinhança, tinham agora uma estrutura formada por camadas sócio-econômicas. Essa nova camada sócio-econômica (a nascente burguesia) começava, então, a impor sua vontade também nas práticas festivas, dando origem ao Carnaval Veneziano, que mais tarde foi chamado Grande Carnaval.

O Grande Carnaval, segundo QUEIROZ (1987), se definia como um folguedo de camadas urbanas médias e altas, a rua passava a ser o lugar dos festejos, a iniciativa de brincadeiras passava a ser exclusiva dos homens, eram atividades muito dispendiosas, as músicas eram de origem européia e as camadas inferiores é que trabalhavam para a confecção da festa e também para aplaudir ou vaiar os cortejos.

As práticas festivas do Grande Carnaval eram inicialmente o Baile de Máscaras: *"...o primeiro baile carioca aconteceu em janeiro de 1835, no Hotel de Itália, sendo depois repetido em fevereiro do mesmo ano, a idéia era fugir da violência do entrudo das ruas"* (SIMSON, 1997: Correio Popular); o Préstito das Grandes Sociedades: *"desfile de carros alegóricos, composto de gente da média e alta burguesia, ..que desfilava num cortejo baseado em tema histórico ou literário..."* (QUEIROZ, 1987:719); e, depois de dezesseis anos o Corso. O Corso, lançado na virada do século XIX para o século XX, prevaleceu até meados de 30 e consistia em *"um desfile de carros enfeitados pelas ruas centrais da cidade, nos quais se exibiam famílias ricamente fantasiadas"* (QUEIROZ, 1987:719). O desfile dos carros alegóricos era organizado pelos clubes carnavalescos. Logo essa influência do Rio de Janeiro se espalhou pelo centro-sul do país.

Em seu texto, QUEIROZ (1987) relata que os Dias Gordos eram divididos em atividades para a tarde e para a noite, no Grande Carnaval: à tarde, havia o corso; à noite, os bailes de máscaras, em hotéis ou em teatros, e os préstitos, sendo que na terça-feira, finalizava os dias de festejos.

O nome de Grande Carnaval não era em vão. Por volta de 1870, pequenos grupos de negros e mulatos moradores dos bairros periféricos do Rio de Janeiro, se juntaram para cantar e dançar nas ruas e quintais desses bairros nos dias de Carnaval. Surgia o Pequeno Carnaval.

O Pequeno Carnaval era constituído de negros e mulatos - 'libertados' por ocasião da abolição do trabalho escravo - e de imigrantes que também não dispunham de posses para os gastos com o Grande Carnaval. Esses grupos eram perseguidos e rechaçados pela polícia se chegassem perto de alguma rua mais importante do centro da cidade.

Os dias de festejos eram os mesmos, a princípio, e as maneiras de se divertir também: fantasiavam-se, faziam batalhas de confete e serpentina com as sobras colhidas dos festejos dos ricos. Porém, com o passar do tempo, a maneira de brincar foi se tornando diferente da dos brancos: os negros e mulatos traziam consigo a sua herança africana na dança e na música. O Pequeno Carnaval foi se desenvolvendo lentamente, a partir de blocos e cordões improvisados, até surgirem os Ranchos.

Os Ranchos eram grupos que se reuniam para festejar o Carnaval. Eram formados por operários e estivadores do porto, além de donos de pequenos armazéns, ou seja, indivíduos que recebiam uma remuneração segura todo mês e, assim, conseguiam custear sua própria fantasia. *"Todos seus participantes se vestiam de maneira igual, tendoà frente uma porta-bandeira e um mestre-sala, desfilavam ao som de música de ritmo sincopado, porém de melodia dolente - a marcha-rancho"* (QUEIROZ, 1987: 721).

Em 1910, conseguiram obter o direito de desfilar na Avenida Central, o que era privilégio da sociedade burguesa, se tornando uma grande atração da festa. *"O triunfo dos ranchos significava a integração de camadas sociais inferiores nas comemorações carnavalescas, trazendo com elas seus complexos culturais específicos..."* (QUEIROZ, 1992:57).

Outros grupos populares demoraram mais algum tempo para conquistarem o direito de desfilar na Avenida Central, mas também o conseguiram.

A primeira Escola de Samba foi fundada no Rio de Janeiro em 1928. Em 1936, as Escolas de Samba obtiveram, do governo municipal, o direito de desfilar no centro da cidade, alcançando vitória plena na década de 50. As Escolas de Samba são consideradas como o momento de maior expressão cultural dos negros no Rio de Janeiro.

A partir dos anos 40/50 deste século, observamos que os desfiles burgueses - o Grande Carnaval - estavam em extinção e o Pequeno Carnaval, mais tarde chamado de Carnaval Popular, tomava o seu lugar. As camadas inferiores da sociedade - étnicamente diferenciadas - conseguiram se impor às camadas superiores conquistando o seu espaço através da sua dança, da sua música - seus traços culturais específicos, o que mais tarde passa a ser a marca de brasilidade, conforme QUEIROZ (1987).

Contudo, essa marca de brasilidade ocorre de forma diferenciada. Na Bahia, obedecendo outra lógica - a do carnaval-participação -, enquanto que no centro-sul a lógica é do carnaval-espetáculo.

Na cidade de São Paulo, no período colonial, os folguedos apareceram a partir das procissões e festas religiosas do século XVIII. A população negra, a princípio, segundo SIMSON (1986), realizava um folguedo típico - a dança dos Caiapós -, que era uma manifestação lúdica da população pobre e de cor, o qual já trazia um caráter de denúncia, devido a forte repressão sofrida; depois, os Cordões Carnavalescos. A população branca participava do Préstito.

Os negros brincavam em local e horário diferentes do dos brancos. Esses folguedos aconteciam entre iguais, sociologicamente falando, e nunca no mesmo espaço.

Com o crescimento e modernização das cidades, os folguedos desapareceram do centro da cidade e instalavam-se na periferia. No centro da cidade permanecia a população mais abastada, que importava da Europa as maneiras de festejar os folguedos: a princípio, o Préstito, e depois, o Corso.

Em 1936, na cidade de São Paulo, havia dois cordões e uns 12 a 15 blocos carnavalescos, conforme descreve SIMSON (1987). O primeiro cordão carnavalesco foi fundado por Dionízio Barboza - Grupo Carnavalesco da Barra Funda -, que é hoje a Escola de Samba Camisa Verde e Branco.

Os cordões, para poder desfilar nas ruas do seu bairro de origem, precisavam seguir as orientações do poder público. Era uma forma de controlar esses grupos, tendo que preencher uma ficha, onde as cores e o

tema que o grupo usaria ficavam registrados, e pagar uma taxa. Nos dias do desfile, os cordões tinham que homenagear as autoridades, antes de iniciar o seu desfile - uma espécie de alvará para a apresentação do grupo -. Essa atividade só podia acontecer no período carnavalesco, pois fora dele havia repressão policial.

Atualmente, deparamo-nos com uma maneira diferente de fazer/brincar carnaval, com seu conceito modificado e completamente separado das procissões e festas religiosas de antigamente. Os folguedos perderam seu caráter lúdico e sua maneira original de acontecer, incluindo-se nos mesmos o fator competição, porém existe uma ligação muito forte entre os folguedos e seus participantes.

SIMSON (1987) conta que para ser oficializado e para que todos tivessem um espaço garantido, o carnaval paulistano foi submetido ao modelo bem sucedido do Rio de Janeiro. Esse espaço, conquistado legalmente, custou parte da espontaneidade das manifestações lúdicas. Agora o objetivo é vencer a disputa e não mais se divertir. Começa, então, a disputa acirrada entre as Escolas de Samba.

O Carnaval tem sido ao longo da história expressão de afirmação do negro e seus descendentes, através da sua dança, da sua música, do seu canto e da sua capacidade de criar artesanalmente. Nessa manifestação cultural, eles encontram formas de resistir e de se adequar a uma sociedade onde seus direitos de cidadãos (que são), muitas vezes lhes são negados. Assim, a cultura se torna um instrumento de resgate e afirmação da sua identidade e de conquista do seu espaço no âmbito de uma cidade majoritariamente branca e imigrante.

Mas o carnaval vem sofrendo transformações que acabam retirando dele o caráter de entretenimento, de diversão passando a ser um produto (bem cultural) de alto valor no mercado dominado pelos meios de comunicação de massa.

2. O Carnaval hoje

Na bibliografia sobre História do Carnaval, pode-se observar uma preocupação do negro em passar, de geração em geração, a tradição do samba para garantir seu espaço na sociedade e expressar sua cultura. Com isso, a criança começa cedo a aprender a tradição que incorpora valores humanos indispensáveis para uma vida digna no âmbito das classes populares.

O indivíduo negro, nas suas relações, está sempre buscando o resgate de si e do grupo a que pertence. Assim;"*...criar, recriar, devir, renascer, são sinônimos de mediações que revelam o mundo negro como não sendo passivo, apenas submetido*" (GUSMÃO e SIMSON, 1989:218). Porém essa submissão é trabalhada de maneira a buscar na cultura, modos de tentar superá-la. Entretanto, a aparente passividade esconde esforços que permitem que ele construa seus próprios espaços.

Podemos notar isso em vários momentos da História como: Quilombo de Palmares, O Candomblé, a Capoeira, o Grupo de Afoxés e Blocos Afros, a Revolta da Chibata, o Carnaval, etc..conforme Jônatas Conceição da Silva (1995) demonstra em seu artigo "*O querer é o eterno poder: história e resistência no Bloco Afro*".

No Brasil a exclusão do indivíduo negro de todo o processo sócio-político-econômico se deu através da escravidão e, após a abolição do trabalho escravo em 1888, através da ideologia do embranquecimento.

Essa ideologia do embranquecimento visava eliminar do negro"*a sua identidade étnica, impossibilitando-o de se agrupar socialmente e reivindicar seus direitos de cidadania plenos e inerentes à sua população*" (SILVA, J. C. 1995:107).

Isso acontecia no interior das escolas oficiais onde os negros, em consequência desse processo, muitas vezes se afastavam de seu grupo étnico, ficando dispersos. Com isso, os negros eram impedidos de formar uma identidade racial negra e reivindicar seus direitos à cidadania.

"A prática pedagógica, que conspira contra crianças, jovens e adultos negros, tentando silenciá-los enquanto cidadãos, realiza-se no interior das escolas...No período escolar, o negro é obrigado a aceitar um processo de embranquecimento, que busca atingí-lo em sua essência...muitas crianças e jovens afastam-se de sua comunidade, de seu povo, rejeitando-o em consequência da violência racial de que foram vítimas"

(Programa de Ação do Movimento Negro Unificado, de 1992, no capítulo referente à educação in:SILVA, J. C. 1995:107).

Jônatas Conceição da Silva (1995) relata alguns movimentos e lutas de expressão política, onde os negros brasileiros reagiam com manifestações culturais de origem africana, permitiram-lhes manter os laços de solidariedade grupal: no Rio de Janeiro, as Escolas de Samba; na Bahia, o Bloco Ilê Aiyê consolida a maior expressão de resistência político-cultural; em São Paulo, os Cordões Carnavalescos.

Mas o carnaval, ao longo do tempo, vem se transformando de festa popular em espetáculo áudio-visual, principalmente no que diz respeito às Escolas de Samba.

No Rio de Janeiro, apesar das Escolas de Samba serem consideradas a maior expressão cultural dos negros e também a primeira organização legal das camadas inferiores (favelados e suburbanos), segundo QUEIROZ (1984), o carnaval carioca apresenta-se hoje como um espetáculo.

Segundo RISÉRIO (1995), em seu artigo "*As cores da mudança*", nesse espetáculo alguns participam e outros assistem, há uma divisão da festa em palco e platéia.

Ana Maria Rodrigues (1984), em seu livro "*Samba negro, espoliação branca*", analisa essas modificações e relata como as Escolas de Samba acabaram se tornando uma fonte de renda para os brancos, bicheiros e traficantes de drogas, transformando o carnaval numa mercadoria a ser consumida, moldando-o ao gosto do freguês. Consequentemente, o negro, alijado do comando do seu produto cultural e também dos seus benefícios, acaba ficando mais uma vez com o trabalho. A autora revela, também, a tentativa do branco, ao se inserir no mundo do carnaval, de inculcar a ideologia do branqueamento, com a finalidade *"de obter anulação do grupo negro, enquanto detentor de formas espontâneas de associação"* (RODRIGUES, 1984:06).

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1984), também fala das modificações ocorridas nas agremiações carnavalescas, principalmente no Rio de Janeiro, como uma domesticação da massa urbana: o samba, o batuque que desde o tempo das senzalas já causavam uma insegurança nos senhores de escravos, começavam a alcançar as altas esferas da sociedade carioca, pois as atividades das Escolas de Samba ultrapassavam o período de carnaval, animando festas de aniversário, comemorações, piqueniques, quermesses, provocando preocupação na camada dominante, uma vez que era um grupo formado pela camada inferior. A camada inferior é formada por suburbanos e favelados, e reunem em sua maioria pessoas de cor, que eram consideradas como *"...portadoras de uma civilização rude e próxima ainda da barbárie"* (QUEIROZ, 1984:904).

Com isso, o número de participantes crescia muito e surgia a necessidade de tomar medidas mais burocráticas para sua organização.

Em São Paulo, para conseguir desfilar no centro da cidade, os membros das Escolas de Samba tiveram que se submeter às regras, tirando, assim, parte da espontaneidade da festa.

Com a interferência do poder público e dos meios de comunicação de massa, ressaltando a televisão, o desfile das Escolas de Samba, ao longo da década de 70, foi se transformando num produto comercializável a ser consumido, em todo o Brasil e também no exterior, acentuando os parâmetros capitalistas para sua realização, conforme SIMSON (1987).

Os meios de comunicação de massa desenvolvem um papel fundamental na transformação do carnaval-festa para carnaval-espetáculo.

NASCIMENTO (1994) defende que, na década de 10 a 30, o rádio e a indústria fonográfica eram elementos básicos para a formação de uma indústria de cultura de massa, semelhante ao papel da televisão hoje. Nesse sentido, podemos notar a presença de indícios de uma globalização cultural que ocorre mais fortemente e de forma explícita atualmente.

Nesse contexto de formação de uma indústria de cultura de massa, vem o reconhecimento do samba como "expressão nacional", pois esse ritmo era propagado por todo o país, através do rádio. Maria Isaura Pereira de

Queiroz, na visão de Regina Célia Oliveira Nascimento, afirma que esse reconhecimento se dá por perceberem o talento daqueles que o criaram e pelo sentimento de nacionalismo exagerado da época. Regina Célia Oliveira Nascimento (1994), como já foi dito, acredita que o rádio e a indústria fonográfica seriam os maiores responsáveis por esse reconhecimento, já que o objetivo era a massificação cultural. Na minha observação, além desses argumentos também conta a persistência do negro, que é um fator relevante. Mesmo sendo forçado a ser submisso, reage sempre procurando e criando formas diferentes para conquistar um espaço através de sua herança cultural.

Ana Maria Rodrigues (1984), aponta que a inserção do branco no interior das Escolas de Samba contribui para a transformação do Carnaval-espetáculo, pois com a participação do branco nessas entidades, basicamente negras, são trazidos para elas os valores sócio-culturais do grupo branco dominante; e, também, uma maneira de conter as formas de associação do grupo negro, realizada pela população branca dominante, através da ideologia da 'democracia racial'.

Segundo essa autora, a democracia racial passou a acontecer desde a libertação dos escravos e consistia num "*...processo de revalorização do trabalho humano (livre, remunerado e competitivo)...para incorporar o negro, o branco dir á que ambos são irmãos, 'filhos do mesmo Deus'...*" (RODRIGUES, 1984:05).

A autora citada acredita que as Escolas de Samba estão introduzidas nesse processo de branqueamento, por conta da chegada do elemento branco no seu interior, numa tetantiva de apagar a criação sócio-cultural do grupo negro e explorá-lo economicamente "*...tentativa de anulação do grupo negro, enquanto detentor de formas espontâneas de associação*" (RODRIGUES, 1984: 06).

As Escolas de Samba surgiram como associações voluntárias e de caráter integrativo, pela motivação dos negros em manter sua identidade. Hoje elas podem ser comparadas a uma empresa (muitas são), obedecendo uma organização impecável, desde a sua estrutura até a apresentação.

Nesse sentido, a confecção do desfile que era um constante movimento de criatividade das pessoas do grupo, passa a ser programado, passo a passo, por pessoas de fora do grupo - o carnavalesco, por exemplo,

que nem sempre faz parte da comunidade -. O luxo, a sofisticação, o exagero substitui o que era mais simples. Assim, *"...de associações espontâneas de manifestação cultural, as escolas tornaram-se cada vez mais verdadeiros tipos de organização com modelo de empreendimento comercial"* (RODRIGUES, 1984:47). QUEIROZ (1984), quando fala sobre a domesticação da massa urbana, compara a Escola de Samba, hoje, ao capitalismo que massacra as camadas inferiores do nosso país. Ao fazer esta análise, a autora aponta alguns pontos para sua argumentação:

> *"...a administração burocrática das Escolas de Samba se inspirou na organização de firmas e de indústrias; a eleição das diretorias, copia as normas aparentemente democráticas do governo brasileiro; a competição exacerbada que reina entre as Escolas, com seus golpes variados, com a espionagem, tentativas de suborno para assegurar a vitória, constitui réplica do capitalismo selvagem que domina a sociedade nacional. Organização e eficiência são qualidades indispensáveis para o sucesso da Escola de Samba..."* (1984:905).

Apesar dessa transformação, nas Escolas de Samba existem alguns pontos que se tornam verdadeiros pilares de sustentação do lúdico e da espontaneidade, por trazerem em seu cerne, as autênticas características dos africanos escravos, das quais o samba se originou, conforme lembra RODRIGUES (1984). Essas características marcantes podem ser observadas nos ensaios: quando alguns grupos fazem a roda, um componente fica no meio dançando e depois vai tirando o outro com um leve toque de perna ou uma rasteira. E mesmo nos desfiles das Escolas de Samba: os passistas, tanto masculinos quanto femininos, que mostram o samba no pé; a ala das baianas, *"...congrega as pastoras mais idosas da escola..."* (RODRIGUES, 1984:106); a bateria, cuja maioria dos instrumentos são de origem africana, marcam esses pilares fundamentais.

Maria Isaura Pereira Queiroz (1992) fala que uma das explicações por se chamar Escola de Samba é porque os organizadores da primeira Escola de Samba, devido à sua competência, eram chamados "professores do samba". Competência esta que se mostra harmonicamente na Avenida

quando ocorre a apresentação do seu desfile, que é conduzido pelo samba que envolve a todos através de sua letra, melodia e ritmo. Maria Apparecida Urbano (et allii) diz que *"Na verdade, a alma da Escola na Avenida é o Samba"* (1987:89).

URBANO (et allii, 1987) apresenta suscintamente as modificações que as Escolas de Samba vêm passando através de três etapas, o que, a meu ver, facilita a nossa visualização e melhor compreensão:

> *"A primeira etapa é entendida como a da 'pureza'. É o início. As Escolas se destacam pela espontaneidade e pelo trabalho artesanal, dependente da habilidade e mão-de-obra dos habitantes da comunidade, todos contribuindo de forma voluntária. A segunda etapa é a da 'contaminação' (de 1936 a 1960). A espontaneidade desaparece e os órgãos governamentais ajudam as Escolas, oferecendo-lhes um incentivo de ordem econômica. É a fase da transição. O Estado impõe normas para a existência legal das mesmas e o enredo, a partir daí, deve versar sobre os fatos, personagens, heróis, lendas, datas e acontecimentos da História do Brasil. Revela-se, portanto, uma estrutura ordenada. A etapa da 'transformação' é a terceira (a partir do final de 60). As Escolas mais dinamizadas transformam o Desfile em espetáculo, havendo uma tendência para a industrialização de todo o trabalho com mão-de-obra especializada. De folclore passa à arte de massa e a visão de mundo não é somente a do sambista, mas a imposta pelo espectador; há portanto, a imposição de normas baseadas no esquema luxo e riqueza, a exaltação de qualidade individuais em detrimento da coletividade, o excesso de componentes e o profissionalismo provocando a perda da autenticidade das primitivas escolas. Neste momento, todas as classes sociais participam da Escola de Samba" (1987:87-88).*

A autora complementa, ainda, com uma quarta etapa, mais específica das Escolas de Samba Paulistanas da década de 80, que chama de 'Reafirmação" que consiste na convivência do trabalho desenvolvido no Barracão, cotidianamente. Esse trabalho,*"comunitário e sistemático, consolida de forma mais ampla a identificação de uma Escola da Vida"* (1987:88). O enredo se apresenta de forma mais abrangente, e, apesar de fazer uma sátira de costumes, possue um caráter crítico.

III - EDUCAÇÃO

1. Problema ou solução
2. A escolarização da camada menos favorecida no Brasil
3. Escolas de Samba: uma alternativa de Educação não-escolar

"A utopia se alcança fazendo o possível de cada dia."

(Paulo Freire)

1. Problema ou solução?

Desde quando nascemos tem início o nosso processo de educação. Esta educação é chamada de educação informal, já definida anteriormente. Ela acontece no meio familiar, onde os conhecimentos são passados de forma permanente e não organizada.

Até atingirmos uma certa idade, cerca de 8 anos, necessitamos da ajuda de nossa família ou daqueles que estão próximos, para comer, dormir, trocar, tomar banho, andar, falar, enfim para aprendermos a nos comunicar, o que nos tornará independentes, ou seja, constituídos de certos conhecimentos que nos possibilitarão agir sozinhos.

Essa educação informal que nos é passada, no seio da família ou de pessoas responsáveis por nós, é importante, pois através dela vamos construindo o nosso mundo: os valores que aprendemos em contato com outras pessoas, outros segmentos da sociedade, como a escola, a igreja, a rua... vão nos capacitando e ajudando na construção de nossos próprios valores, formando a nossa personalidade, nosso caráter, nossa visão de mundo, nossa cultura.

Isso se faz necessário, uma vez que sem esses valores somos incapazes de conviver com outros seres humanos, pois estamos o tempo todo diante do social, do econômico, do político, do religioso, do cultural...que exige de nós posturas, ações, reflexões.

Segundo Paulo Freire, *"a educação é um momento do processo de humanização" (GADOTTI, 1989:67)*, através do qual os indivíduos têm a oportunidade de transformar, de compreender valores essenciais para a vida: pessoal e social, podendo participar da sociedade e entender qual é o nosso papel como cidadãos.

[Humanismo - doutrina filosófica que tem no homem o valor supremo, definindo-se a partir dessa perspectiva as exigências psicológicas, históricas, econômicas e sociais que condicionam a vida humana]

(GADOTTI, 1989:67)

Com seu método de alfabetização de adultos, FREIRE conseguiu que muitas pessoas saíssem do anonimato e da margem da sociedade para serem participantes e sujeitos da história. Muitos passaram a compreender o seu papel diante da sociedade e a procurar mudanças para uma vida melhor, mostrando que a educação não se limita à aquisição dos códigos para ler e escrever seu nome, mas ler e escrever o mundo, a sua própria vida.

FREIRE tinha como ponto de partida o contexto de vida do indivíduo. Através de palavras que faziam parte do cotidiano das pessoas, ele lhes apresentava as letras. Além de facilitar a imagem da palavra, esse ensinamento era repleto de significado para o indivíduo, que ao se identificar nesse contexto, refletia sua realidade, o seu dia-a-dia e assimilava o conteúdo desse ensinamento.

Nesse sentido, a educação é uma possibilidade de solução para incluir milhões de pessoas, que vivem à margem dos fatos, das informações, das transformações, enfim, excluídas, para dentro do universo social, já que por definição (de diversos autores como os aqui já citados anteriormente: BRANDÃO, MEKSENAS, GOHN, FREIRE, ROUSSEAU), a educação visa o desenvolvimento integral do indivíduo. Assim, o indivíduo se sente gente, valorizado, motivado quando possue um saber, quando conhece, quando pode conversar com as pessoas de igual para igual.

A educação é um dos meios mais importantes para se chegar a solução de problemas, porém ela só, não basta.

Não há maneiras de educar alguém com fome, doente, sem auto-estima. Esse indivíduo não consegue pensar, aprender.

Gilberto Dimenstein (1993) fala em seu livro "*Cidadão de Papel*" que cidadania é uma palavra que usamos todos os dias e que essa palavra tem vários sentidos, e que atualmente seu significado é, primordialmente "*o direito de viver decentemente*" (1993:17). Concordo com ele plenamente, uma vez que os nossos direitos mais simples nos estão sendo negados.

No caso da Educação Formal (escolar/oficial), esta há muito vem sendo ora negada, ora com suas funções desviadas, se tornando um problema para muitas pessoas.

As nossas instituições escolares sempre estiveram muito atentas e articuladas com o desenvolvimento econômico do país. Nossas políticas educacionais sempre propiciaram às elites dominantes, oportunidades de ascensão social e econômica, visando o desenvolvimento, em detrimento da população mais pobre, que poderia ter tido uma oportunidade de sair do anonimato causado pelo analfabetismo.

A população mais pobre das grandes cidades brasileiras, na década de 20, era constituída por negros libertos, imigrantes europeus e asiáticos que aqui chegavam atraídos pelo trabalho na lavoura, mas logo integrando no processo de industrialização, cujo mercado de trabalho requeria muita mão-de-obra.

Como, então, esses indivíduos eram integrados ao espaço educativo das escolas? Como a educação assumia um papel socializador e como foram tratadas as diferenciações sócio-culturais?

Este é um problema, que ainda nos dias atuais, está longe de ter uma solução por parte de políticas que favoreçam uma educação plural, no sentido de que o conhecimento assuma os diferentes saberes, respeitando o universo cultural dos diversos grupos que compõem nossa sociedade e favorecendo um exercício pleno da cidadania. Determinados segmentos da população brasileira, a camada inferior, constituída de descendentes de índios, negros, camponeses, favelados, crianças de rua, analfabetos, atuais, encontram-se silenciados dentro da sociedade, pois são vistos como diferentes e, portanto, como desviantes do modelo hegemônico da nossa sociedade.

"Às instituições fica reservada uma função normativa visando encaminhar todos ao mesmo caminho, o qual está prederminado e descoberto, não havendo possibilidades de correr riscos de transformações durante o percurso. Nessa comcepção, o criativo e o diferente são os desvios." (LEITE, L. C. - 1993: 75).

UNICAMP BIBLIOTECA

2. A escolarização da camada menos favorecida no Brasil

Vários autores (Fernandes, Pinto, Leite, Silva, Gusmão, Rodrigues...) concordam que o modelo cultural, a que são submetidos diversos segmentos da sociedade, obedece a uma cultura tida como superior.

"O papel da cultura é o de codificar o mundo" (SILVA, P. - 1993: 28), ou seja, a cultura é uma maneira de pensar, de sentir, de agir, de ver o mundo de um determinado grupo, orientando e permitindo a esse grupo se movimentar dentro de sua cultura, agindo conforme o comportamento confirmado pelo grupo. Assim, a imposição de uma cultura, diferente da sua, faz com que os indivíduos percam a orientação, ficando perdidos.

A cultura que procura ser imposta pela camada dominante como sendo a correta, é chamada de superior ou erudita e veiculada para as chamadas culturas inferiores. Esta cultura pode ser definida como uma ideologia que tenta manipular a camada inferior a aceitar os valores da camada superior como os válidos e autênticos, em detrimento dos valores que essa camada inferior carrega consigo, a fim de que a camada superior possa controlar a inferior nos aspectos sociais, econômicos, politicos e culturais.

Com isso, a integração dos diferentes segmentos da população é feita de forma autoritária, uma vez que não são respeitadas as diferenças. A escola, que tem importante papel socializador, acaba por fazer esta "socialização" de maneira impositiva, oferecendo um mesmo caminho para todos.

Muitas pessoas, dos segmentos mais pobres da sociedade, acreditavam que a escola fosse uma forma de ascensão e de integração social. Ao inserirem-se na escola, essas pessoas têm seu sonho desfeito:

"A escola apresenta-se para as classes e grupos desprestigiados pela sociedade como o lugar onde começa a se dar a ruptura com o modo de viver, de aprender, de significar, que lhe é peculiar, e em maior ou menor grau se dá a assimilação a um modelo cultural tido como superior." (SILVA, P. - 1993:28).

Porém, a escola além de produzir a alienação cultural, contribui para a segregação da camada inferior, sendo que a população negra é a que sofre maior discriminação, segundo Consuelo Dores Silva que diz *"...após ingressar na escola, realizando em parte, o sonho de suas famílias, à criança negra se apresenta uma árdua tarefa: o convívio com um processo de desvalorização da raça negra."* (1995:101).

Essa 'homogeneização' da cultura, que geralmente é feita nas escolas, inculca os valores dominantes que são considerados como parâmetros para uma educação correta, de qualidade, ou seja, ideal para todos, salva de patologias que a desviem do seu ideal, que levem à morte, como Lígia Costa Leite (1993) relata quando compara a educação com a medicina.

Lígia Costa Leite (1993) ajuda-nos a compreender as ditas "patologias educacionais" que nada mais são do que o desrespeito à forma diferenciada que cada um tem de aprender, que é reservada às pessoas de diferentes culturas. Elas demonstram *"um sentido de identidade e resistência"*, quando seus portadores se negam a entrar num sistema que nada tem com sua história de vida. *"Portanto, culturas diferentes têm diferentes formas de aprender"* (1993:77). Isso reafirma a importância do conceito de educação interligado ao de cultura, conforme GOHN (1997), que defendo nesse trabalho.

Nesse sentido, a imposição de um modelo cultural alienante traz grandes 'desarranjos' aos indivíduos, inibindo sua capacidade criadora e crítica além de constituir uma auto-estima fragmentada e sentimento de inferioridade. Assim, as repetências, as dificuldades de aprendizagem, que representarão o fracasso e evasão escolares, nada mais são do que o reflexo das 'patologias educacionais' causadas pela homogeneização da cultura. Em seu livro *"Negro, qual é o seu nome?"*, Consuelo Dores Silva descrevendo a pesquisa feita por ela numa escola com alunos negros, constata que:

> *"A escola representada pelos alunos negros é como o teatro dividido entre atores e coadjuvantes. Confirmamos, assim, a nossa hipótese de que o esquema estrutural de dominação existente entre brancos e negros se reproduz no universo da escola e pressupomos que, possivelmente, o desempenho escolar dos não-brancos, ou seja, a repetência, as dificuldades de aprendizado e a exclusão do sistema de ensino possam ser relacionadas diretamente às relações interétnicas neste universo." (1995:102).*

Isso contribui para o aumento dos "escolares em situação de risco" que *"são definidos como aqueles que estão prestes a abandonar a escola ou se não o fizerem, a diplomar-se sem dominar os conhecimentos e as habilidades necesárias para o pleno exercício da cidadania"* (SIMSON et allii, 1997:05).

Gilberto Dimenstein chama a atenção para a questão do menino de rua que historicamente aparece como consequência direta da escravidão:

> *"Esses meninos eram os filhos de escravos. Por falta de instrução e qualificação, eles tinham dificuldades para encontrar espaço no mercado de trabalho. O ensino básico era ainda mais limitado do que atualmente....Era tamanha a dificuldade em 20 de junho de 1888, pouco mais de um mês após a promulgação da Lei Áurea...que o Parlamento assinava o decreto de Repressão à Ociosidade. Esse decreto visava a atacar os 'vadios' de rua"*(1993:43-44).

Com isso, a grande maioria das crianças e adolescentes aprisionados eram negros, que foram levados à delinqüência, por falta de uma educação adequada.

À população mais pobre é negado o direito de escolher o seu caminho, pois a educação é um dos pilares básicos da democracia. Segundo DIMENSTEIN, *"A democracia é o regime que garante a liberdade de todos escolherem seus governantes. Mas só existe liberdade quando se sabe optar"* (1993:145). Nesse sentido, o autor quer nos alertar que uma das maiores expressões de cidadania - o exercício de votar - não representa assim um pleno exercício de nossa cidadania, uma vez que milhares de pessoas que são analfabetas (um dos sintomas mais antigos da falta de cidadania) estão impossibilitadas de escolha pois para elas a informação se dá de forma limitada.

Fulvia Rosemberg (1996) faz também uma crítica à educação escolar dos negros, visto que*"creches e pré-escolas constituam alternativas à escola de 1º grau para crianças pobres e negras"* (1996:59). A autora, em sua pesquisa constata a presença de crianças, com idade de estarem matriculadas no ensino fundamental (8 a 12 anos), ainda na pré-escola e nas alternativas de pior qualidade do sistema educacional brasileiro.

No seu artigo "Referências culturais e a construção da escola", Lígia Costa Leite faz uma abordagem sobre a *"lógica da sobrevivência e de uma forma diferente de aprender no universo do menino de rua, frente a 'ordem e progresso' da sociedade dominante" (1993:)*, no qual nos remete a pensar sobre o processo de controle dos 'populares' que as instituições educacionais promovem. Leia-se por 'populares', segundo a autora, os segmentos da população da camada pobre: índios, negros, camponeses, favelados, crianças de rua, analfabetos...

Ainda conforme a autora, a própria estrutura da instituição já é *"...um caminho de repressão e obediência a ser seguido por todos aqueles que desejarem/imaginarem serem aceitos nesses aparatos"*(LEITE, L. C. 1993:78).

Com isso, cria-se uma resistência nesses 'populares' a qual, muitas vezes, é vista como desordem, violência porque eles não se adequam aos parâmetros da sociedade dominante. Isso cria na instituição escolar uma sensação de insegurança, o que a faz passar a adotar medidas controladoras, proibindo ou reprimindo as atitudes desses 'populares', rotulando-os como violentos, transgressores da ordem, etc..

Um exemplo disso é expresso pela cultura afro-brasileira, através do batuque, da dança e do ritmo, que os negros apresentavam como uma forma de transmissão de saber. Nas senzalas eles buscavam meios de não esquecer sua raiz. Sofreram uma tentativa de expropriação de toda a sua cultura e identidade. Contudo criaram maneiras de convivência e organização religiosa que fugiam do controle de seus senhores. Eram formas de resistência que impediram a total expropriação do negro, enquanto ser histórico e cultural, as quais foram passadas para os seus descendentes na forma de ser do negro e de conhecimento sobre eles mesmos.

Este conhecimento é visto como menor e mostrado por LEITE (1993) como sendo *"o mundo da desordem"*, que se opõe ao mundo do trabalho - da 'ordem' e do 'progresso' - tido como o correto.

O saber existente no 'mundo da desordem' é ignorado e desprezado, fazendo com que, quem dele participa, seja marginalizado, indigno, inferior, aumentando assim o racismo, o preconceito.

Entretanto, alguns negros possuem uma forma de expressar sua dignidade, fazendo valer aquilo que os identifica enquanto ser humano.

Uma manifestação do negro que expressa sua dignidade é a dança, a música, que escondia (no tempo da escravidão, nas senzalas) o rito, a religião e constituía a sua raiz cultural, a sua força. O senhor branco proibia seu escravo de se comunicar através de línguas africanas, e, no entanto, era na sua dança, na sua música que os afro-brasileiros guardavam a essência da sua cultura. *"Muitos dos aspectos mais importantes da cultura ficaram, exatamente porque eles passaram por manifestações lúdicas das culturas negras"* (FERNANDES, 1989:85).

Segundo VALENTE (1991), a música e o esporte são espaços de ascensão social dos negros, permitidos pela sociedade, por serem tidas como atividades lúdicas, isto é, *"destinadas a dar prazer, são formas de divertimento, de entretenimento. Estão fora das atividades consideradas de responsabilidade ou que exijam maior ou melhor preparo, digamos... intelectual"*(1991:28).

As propostas dos poderes públicos sempre colocaram esses segmentos 'populares' em situação de exclusão, fazendo com que seus membros buscassem maneiras próprias de sobrevivência*"...um espaço onde ele seja aceito, recebido, respeitado e valorizado em suas vivências, criando a cada dia uma relação de afeto e confiança mútua"* (LEITE, L. C. 1993:83).

Sabemos que a escola oficial não leva em conta o conhecimento que trazemos conosco. Esse conhecimento é tudo que aprendemos desde quando nascemos, através de gestos, imitações, convivência familiar e social e que é ignorado. A escola tem um padrão que nos faz todos iguais, com o mesmo tempo e o mesmo ritmo de desenvolvimento, não dando condições para fazer a relação do que é transmitido com a nossa história, nossa cultura, o momento que estamos vivendo. Assim, muitos indivíduos não conseguem assimilar o que é transmitido, pois não consegue visualizar, sentir.

Nesse sentido, tem início o sentimento de aversão da escola, pois não encontra nela nada do seu mundo. Isso ocorre, geralmente, com os estudantes em situação de risco.

DEMARTINI (1989) relata que na fase de expansão dos setores industrial e de serviços da cidade de São Paulo, nas primeiras décadas deste século, a população era formada de *"moradores antigos - brancos, negros e seus descendentes - e moradores mais novos - imigrantes europeus e orientais"*(1989). Nesse contexto de diferentes categorias de população surgem algumas "escolas por conta própria". Essas escolas eram criadas por segmentos da população, principalmente os imigrantes e os negros, numa tentativa de organizarem-se para sobreviver na cidade, pois o setor público os excluía das escolas formais..

A autora destaca a hipótese de explicação para o surgimento dessas escolas, a qual se remete às relações desses vários segmentos. Levando em conta as características da população e a expansão da cidade, a autora observa que a convivência não era 'tranquila', pois a luta pela sobrevivência na cidade e a disputa no mercado de trabalho eram os principais pontos que os 'uniam'. Assim, procuravam apoio nos seus iguais (mesma nacionalidade, língua ou religião). Os chamados moradores antigos (em especial os brancos) não aceitavam os imigrantes pacificamente:

> *"as manifestações de paulistanos contra os imigrantes de modo geral, ou a determinados grupos deles, aparecem declaramente em jornais e revistas de maior tiragem. Mas também vamos encontrá-las de forma mais diluída, mais disfarçada, em revistas especializadas, como por exemplo, nos Anuários do Ensino, publicação da Directoria do Ensino do Estado de São Paulo"* (DEMARTINI, 1989).

Porém estas manifestações não se limitavam aos imigrantes e estendiam-se à população negra também.

Para sentirmos a grandeza do problema, cito DEMARTINI (1989) que em seu texto *"Escolarização da população negra na cidade de São Paulo, nas primeiras décadas do século"* relata que os negros foram os maiores prejudicados, pois quando foram libertos, não podiam frequentar a escola por não terem documentos e roupas/calçados apropriados e quando conseguiam, *"havia entraves colocados por estas escolas ao processo de escolarização dos negros pertencentes à famílias mais pobres, ou sem família"* (1989).

Com isso, a população negra também tentou criar suas próprias escolas, mas nem sempre foi bem sucedida, pois *"...inseria-se num projeto mais amplo de conscientização da camada negra"* (DEMARTINI, 1989).

Através do depoimento de um entrevistado de DEMARTINI, constata-se as dificuldades enfrentadas pela população negra e mais pobre para frequentarem as escolas públicas na cidade de São Paulo. As escolas públicas centrais não eram destinadas às camadas mais pobres, e as escolas particulares, do centro da cidade, funcionavam para dar este atendimento à população mais carente *"...este fato parece reafirmar o caráter discriminador da escola pública com as pessoas que se relacionava"* (DEMARTINI, 1989). Entretanto, os negros tinham consciência dessa situação discriminadora e da disputa com os imigrantes com condições econômicas semelhantes à sua, portanto, a escolarização era apontada como uma saída para superarem sua condição inferior e de se integrarem à sociedade.

Mas esta escolarização deveria ser trabalhada de forma a garantir melhores condições de vida numa cidade onde a população crescia rapidamente. Assim,

> *"o empenho na escolarização e a criação de escolas para a população negra surgem na cidade de São Paulo neste período como uma frente de luta voltada para pontos distintos: contra esta acomodação dos próprios negros, e contra a discriminação e entraves criados pelo sistema escolar no atendimento a eles"*(DEMARTINI, 1989).

Na atualidade, como as propostas da escola oficial ainda estão longe de atrair os indivíduos pertencentes à camada mais baixa da sociedade, esses optam por permanecerem fora dela, procurando meios de sobrevivência que, muitas vezes, são desastrosos. Sem muita opção, crianças, adolescentes e jovens caem no mundo da delinqüência, da marginalidade, e, às vezes, num caminho sem volta.

Gilberto Dimenstein (1993) relata em seu livro que a "grande" preocupação com a cidadania, por parte dos nossos governantes, não vai além do papel, na prática pouca coisa é feita realmente para se alcançar

avanços nesse sentido. Cita a educação como um instrumento relevante para que este avanço aconteça, pois muitos países que investiram na educação de suas crianças, formaram trabalhadores qualificados e cientistas, conseguindo um rápido desenvolvimento, como o Japão, por exemplo.

No Brasil, as alternativas educativas, para esse tipo de população, que vêm tomando formas bem sucedidas, são àquelas que ocorrem no espaço extra-escolar da Educação Não-formal.

A Educação Não-formal ou não-escolar é caracterizada por poder escolher seus temas, seus métodos e determinar quais as intenções do ato de educar, pois *"pode informar, provocar emoções, fazer os educandos sonharem ou levá-los a criar algo novo em qualquer campo das ciências, das artes ou do domínio do corpo ou da política"* (SIMSON et allii, 1997). Ela pode servir de apoio para a escola oficial, levando a uma crítica dos modelos ora existentes.

Nesse esquema mais dialogal, os indivíduos se sentem valorizados, capazes, resgatam sua auto-estima, conseguindo aprender e apreender valores indispensáveis para viver dignamente.

A seguir, pretendo mostrar uma experiência de educação não-escolar, onde crianças e adolescentes, que antes viviam nas ruas se drogando, hoje, através do samba, encontram um caminho para se tornarem futuros cidadãos.

3. Escolas de Samba: uma alternativa de Educação Não-escolar

As minhas inquietações me trouxeram até aqui. Neste trabalho procuro saciar as minhas curiosidades, meus questionamentos em torno desses temas polêmicos: Carnaval e Educação. Temas polêmicos porque chocam e, ao mesmo tempo, congraçam a vida de milhares de pessoas.

Conforme ia fazendo o levantamento bibliográfico e me inteirando sobre o assunto carnaval, mais despertava a minha vontade de saber, de conhecer e, aquela certeza, de que havia e há muito por saber, por conhecer.

Na pesquisa bibliográfica, aprendi muitos aspectos que, aos poucos, ajudam a desvendar a profundidade do tema escolhido e apontam alternativas de possíveis soluções para alguns problemas cruciais de nossa sociedade, como a dificuldade de aprendizagem, a valorização do corpo e da vida, o resgate da auto-estima, a busca de afirmação social e uma possível inserção no mercado de trabalho...

É a camada mais pobre da sociedade que sofre todos os tipos de violência, discriminação e descaso dos que governam as cidades e o país, e, portanto, que convive mais de perto com esses problemas, ficando do lado de fora do contexto social, sendo marginalizados. Essa camada da sociedade só é lembrada quando a camada mais abastada se sente ameaçada.

Durante um tempo, procurei junto à UESP (União das Escolas de Samba Paulistanas) e à FESEC (Federação das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas do Estado de São Paulo) as agremiações carnavalescas que eram abertas para algum projeto envolvendo crianças e adolescentes da própria comunidade.

Conforme já relatei, o meu interesse inicial pelo carnaval era de mera espectadora dos desfiles das Escolas de Samba, através da televisão. A meu ver, ainda em nível do senso comum, esses desfiles demonstravam uma explosão de alegria que me contagiava, a ponto de sentir uma emoção diferente: uma vontade de cantar, dançar, acompanhar passo a passo o enredo trazido, a fim de não deixar escapar um detalhe si quer. Assim, meus

olhos atentos, observavam o desenrolar do enredo em cada ala, em cada carro alegórico...; e, meu corpo, acompanhava o ritmo do samba, deixando-me leve, esquecendo-me da hora, do cansaço.

Com isso, minhas inquietações aumentavam, levando-me a querer saber mais. Através de jornais e revistas, iniciei o meu aprendizado, tentando descobrir como tudo era feito e encaixado de modo que se transformasse naquela apresentação impecável, alegre, contagiante e que, para mim, apresentava um caráter educativo percebido em cada ala e que levava a um ensinamento.

Um dia, conversando com uma professora, vi a possibilidade de desvendar estes 'mistérios' que me rodeavam.

Agora, com um senso mais apurado e academicamente falando, considero as Escolas de Samba como uma produção carregada de valores histórico-culturais, e por conseguinte, um instrumento de grande caráter educativo.

Como já foi dito, as Escolas de Samba nasceram a partir da camada mais pobre da população, e, consequentemente, se situam na periferia das cidades. Essas agremiações têm ao redor de sua sede, no seu lugar de origem, favelas, cortiços, becos, ou seja, espaços urbanos que abrigam a população mais carente, contando com alguns serviços públicos e mostrando na sua população infantil, grande número dos chamados 'escolares em situação de risco', já citados anteriormente.

Encontrei várias dificuldades para a realização dessa pesquisa uma vez que estava diante de um campo de atuação diferente (Escola de Samba, carnaval), numa cidade grande (São Paulo) onde domino muito pouco os seus espaços e dependia muito da ajuda das entidades carnavalescas citadas, principalmente a UESP, com a qual tive o primeiro contato em dezembro de 1997.

Nessa pesquisa junto às entidades citadas encontrei várias respostas: algumas Escolas que estavam por começar algum projeto, uma com um projeto já em andamento, umas que já tinham tido um projeto e o desativaram e outras que não tinham nenhum projeto. As razões apresentadas giram

sempre em torno do financiamento desses projetos. Como as Escolas são em sua maioria pobres, não podem arcar com os gastos para subsidiar esses projetos e ficam à espera da ajuda da Prefeitura ou de órgãos estaduais e/ou federais, que nunca chega.

Segundo o Secretário Administrativo da FESEC, as Escolas que teriam mais condições para viabilizarem esses projetos seriam as do grupo especial, que têm mais recursos, pois para as dos outros grupos é bem mais difícil. O Diretor de carnaval da UESP, confirma que a possibilidade maior desses projetos acontecerem são nas Escolas do grupo especial, porém aponta algumas agremiações dos outros grupos que têm essa preocupação e, conseguem por algum tempo, manter algum trabalho nesse sentido.

Dentre as Escolas de Samba do grupo especial, apenas a Rosas de Ouro hoje desenvolve um projeto com as crianças e adolescentes pertencentes à sua comunidade. A Mocidade Alegre está tentando iniciar uma experiência desse tipo, esperando para isso um contrato com a Prefeitura; e a Peruche está com o seu parado, por falta de verbas.

Assim, decidi conhecer de perto o projeto da Rosas de Ouro.

No início o contato foi um pouco difícil, visto que havia a Escola estava na fase de preparação para o desfile carnavalesco de 1998. O contato efetivamente só foi conseguido depois do carnaval.

Numa primeira visita à Escola, em 24 de abril de 1998, fui recebida pela Ana Paula Antonio, que é a educadora do projeto. Ela me falou do projeto, das atividades desenvolvidas, do número de crianças que dele participam e das perspectivas futuras para o projeto.

O primeiro contato foi razoável, apesar de ser tratada muito bem pairava no ar um ar desconfiado que fazia-me sentir como uma espiã, e, por isso, ao terminar a conversa fui embora, não ficando para observar o projeto à noite. Retornando na semana seguinte, para conversar com a coordenadora do projeto e fazer a observação participante, iniciou-se, então, uma relação de maior confiança e aproximação. Contudo, o encontro e a conversa com os instrutores, desde o primeiro contato, foi muito importante e estimulante,

devido a receptividade e amizade com que fui recebida. Era como se eles já me conhecessem, o que me ajudou muito pois fiquei mais tranquila, mais à vontade.

O projeto da Rosas de Ouro chama-se "Quem não vai na escola, não vem na Escola". Tem por objetivo explícito tirar as crianças e adolescentes da rua, do tráfico e do vício de drogas, ensinar-lhes uma profissão e torná-los cidadãos. A faixa etária atendida vai de 7 a 17 anos e 11 meses, para crianças e adolescentes de ambos os sexos, matriculados em escola oficial. O projeto funciona às terças a sextas-feiras, das 19 às 22/23hs., com diversas atividades. Às terças e quintas-feiras realizam capoeira; às quartas, balé clássico e 'street dance', às sextas-feiras, bateria mirim, passistas-mirins, mestre-sala e porta-bandeira mirins. As atividades, às vezes, se estendem aos sábados com apresentações das crianças em shows contratados; e, aos domingos, com o curso de bombeiro-mirim.

As crianças e adolescentes atendidas pelo projeto da Rosas de Ouro, são dos bairros próximos da quadra da Escola. Em sua maioria, meninos negros e pardos, porém a quantidade de brancos também é significativa. Essas crianças e adolescentes procuram a Escola por sua própria iniciativa e alguns pais afirmam que sua vinda (dos pais) para a Escola se deu através do filho.

A coordenadora do projeto é a Ana Paltrinieri, formada em Serviço Social pela Faculdades Metropolitanas Unidas e que está há 18 anos na Rosas de Ouro como secratária da Escola.

Na entrevista que a coordenadora me concedeu, ela conta que o projeto nasceu por sugestão do Presidente da Rosas de Ouro, sr. Eduardo Basílio, que

> "...passeando aí, viu muita criança que estava entrando na droga, como o crack, encostando na porta dos carros nos faróis, fazendo 'pidança'... e o presidente achou uma necessidade da gente trazer as crianças para dentro da Escola. Então, tendo atividade dentro da escola, eles não ficariam na rua."

A Rosas de Ouro, contando com a ajuda dos membros da Escola e de patrocinadores, bem como dos shows contratados (nacional e internacionalmente), subsidia o projeto que é completamente desvinculado dos órgãos públicos.

Os profissionais que participam no projeto são membros da Escola e seu trabalho é voluntário. Esses profissionais têm suas atividades durante o dia e à noite dedicam um tempo para o projeto.

As aulas de balé são dadas por uma bailarina e professora de dança; as de capoeira por um professor que, durante o dia, dá aula em academia; os ensinamentos de mestre-sala e porta-bandeira ficam por conta do 2° mestre-sala da Rosas de Ouro; as passistas-mirins, aprendem com a madrinha da bateria o samba-no-pé; a bateria mirim conta com a colaboração dos mestres da bateria adulta e do mestre da bateria mirim.

Nota-se a preocupação, a partir desse projeto e de outras atividades desenvolvidas na quadra, que a Escola tem com relação à sua comunidade.

Num Curso de Harmonia, para os diretores de harmonia das Escolas de Samba da cidade de São Paulo, do qual eu participei, um dos itens da pauta era a preocupação com o social das comunidades, uma vez que vivem numa precariedade de condições dignas para a sobrevivência. Enquanto os pais procuram meios para sobreviverem, trabalhando fora, as crianças ficam nas ruas sendo alvo fácil da violência, das drogas... pois a rua também é um espaço social e por isso também transmite algum aprendizado.

Não vou me aprofundar nesse aprendizado das ruas, porque não é o momento aqui, mas este aprendizado está ligado à luta pela sobrevivência mesmo que custe a própria vida, que Lígia Costa Leite (1993) discute detalhadamente em seu artigo.

Como o contingente de crianças na rua vem aumentando, as Escolas de Samba por serem caracterizadas como a Escola de Vida, pois *"...fazem parte a atividade comunitária, o aprendizado, a reflexão sobre valores nacionais e a convivência permanente entre indivíduos..."* (URBANO et allii, 1987:81), abraça a causa social como sua responsabilidade *"reabilitando, em muitas das vezes, aqueles que se*

UNICAMP

encontram desintegrados em nossa sociedade. Há, portanto, dentro da Escola uma perspectiva de humanização" (URBANO et allii, 1987:83).

Humanização tem a ver com o homem, o ser humano. FREIRE lembra que a educação é um momento do processo de humanização. Assim, as Escolas de Samba vão evoluindo a cada ano quanto à sua proposta sócio-cultural que não se limita ao período de carnaval, mas ultrapassa esse período quando tenta resgatar a dignidade de indivíduos da sua comunidade, conforme mostra SIMSON (1987), no seu artigo*"O negro paulistano enquanto folião carnavalesco e sua longa trajetória em busca da cidadania"*.

Nas minhas observações, na Rosas de Ouro, pude perceber que as atividades para as crianças e adolescentes não têm um fim em si mesmas, elas são apenas um ponto de partida para um objetivo maior. A orientação dada, tanto pelos instrutores quanto pela coordenadora do projeto, é uma preparação para a vida - presente e futura -: a partir de suas experiências de vida, vão colocando os caminhos e os possíveis desafios/obstáculos desses caminhos, utilizando também o próprio contexto de vida dessas crianças.

Dessa maneira, há uma preocupação com a vida de cada um dos participantes: desde a higiene, a saúde, a família, o estudo, o namoro, o sexo, as drogas até o trabalho, longe das ruas e da marginalidade.

Observei que a qualquer hora do dia, há uma ou outra criança ou adolescente rodeando a quadra da Rosas de Ouro. O campo de futebol que foi construído teve a intenção de fazer com que eles ficassem dentro da Escola "queimando sua energia", em vez de ficarem na rua, como me disse a Ana, coordenadora do projeto.

A Educação que, a meu ver, é passada nesse espaço, tem um significado para os participantes do projeto, porque parte da própria vida deles, refere-se ao seu local de convivência familiar e social e traz em seu cerne a aceitação do indivíduo como ele é. Essa educação se caracteriza como uma Educação Não-formal ou não-escolar, uma vez que acontece fora do espaço escolar oficial, de maneira voluntária e não obedece a um conteúdo pré-estabelecido, é possível a escolha da atividade que se quer fazer e,

através dessa atividade é que se iniciará o processo educativo, como aponta Almerindo Janela Afonso (1992).

Vale dizer que, na Educação Não-formal, é preciso conquistar sua clientela, contrariamente ao que ocorre na Educação Formal, da escola oficial, que já tem sua clientela definida *"...precisa atrair e ser capaz de cativar os seus educandos para poder realizar o trabalho educativo"* (AFONSO, A. J. 1992).

Num primeiro momento, há uma conversa e o preenchimento de uma ficha, com todos os dados do futuro educando. Depois, eles escolhem livremente as oferecidas atividades de que querem participar (quantas eles quiserem, desde que não os atrapalhem no horário escolar).

Percebe-se algo diferente acontecendo: ele não é obrigado a fazer uma atividade que não goste, que não deseje. Dessa maneira, o educando já se sente mais livre e animado para participar do projeto.

Ao iniciar a atividade, ele vai aprendendo na prática. A teoria vem aos poucos tendo a prática para ilustrá-la, o que torna o aprendizado mais atraente e significativo e o conhecimento vai se acomodando, como diz Piaget, ou seja, o conhecimento se faz concretamente.

Muitas vezes, principalmente as crianças, enfrentam dificuldade com a abstração no processo educativo, pois cada um tem seu próprio ritmo de desenvolvimento.

Observando a bateria-mirim fiquei impressionada com a facilidade de comunicação entre o instrutor e seus alunos. A aula se inicia com a distribuição dos instrumentos. Alguns se posicionam com os intrumentos e outros ficam em volta, observando. Ao simples gesto da mão do instrutor, eles começam tocar. O instrutor se comunica através das mãos (gestos), com um olhar e/ou com a mão na orelha, indicando escuta. Os iniciantes e mais experientes ficam juntos. Depois de um tempo, eles se revesam, sem mesmo pararem de tocar, aquele que entra acompanha o ritmo do que estava tocando.

Conversei com um dos instrutores, o Rodrigo, e perguntei-lhe como é que se dá o aprendizado, principalmente para o iniciante que entra tocando, e ele me respondeu:

"muitos já têm uma noção só de olhar o outro a tocar, de ver o ensaio da bateria. Para aqueles que têm mais dificuldade, a gente explica devagarzinho e eles vão pegando um pouco de ouvido até conseguir acompanhar."

É uma maneira diferente de ensinar e de aprender, pois a aprendizagem acontece a partir da prática, o que provoca uma alegria, uma animação no educando, que encontra nesse espaço uma auto-afirmação, uma valorização e se sente atraído por estas atividades, o que favorece a sua permanência nesse lugar, além de lhe dar prazer, visto que a razão primeira de ter ído até a Escola de Samba é o gosto pelo samba, pelo ritmo.

Na Educação Formal, muitas vezes, a infinidade de regras e normas, causam-nos aversão e irritabilidade, pois, às vezes, não contribuem para nossa aprendizagem, não fazem ligação com a prática e são 'maçantes'.

Observei que com esse projeto, a Escola de Samba supre as necessidades da comunidade e substitue o poder público, uma vez que assume muitas de suas responsabilidades.

A educação acontece de maneira prazeirosa, espontânea, significativa e de forma gradativa, com o objetivo de estar formando indivíduos para atuarem na sociedade, exercendo seu papel de cidadão e dando a eles a opção de se tornarem "profissionais do samba".

Além das atividades ligadas diretamente ao samba, são oferecidos outros cursos relevantes para uma futura profissão como: informática, corte e costura e confecção de adereços e sapatilhas. Através de pesquisa em outras agremiações do grupo especial, constatei que já ofereceram, em outros tempos, cursos de silk screen, artesanato, confecção de instrumentos de percussão, esculturas em isopor e espuma...Essas atividades inserem seus participantes no mercado de trabalho, dando-lhes uma oportunidade de trabalho, que atualmente se torna cada vez mais rara.

Algumas pessoas me perguntam, espantadas pelo tema de minha pesquisa: Mas o que tem a ver carnaval com educação? Eu respondo: muito e tudo.

Quando, Maria da Glória Gohn define educação num sentido amplo ela diz que está associado ao conceito de cultura. Carlos Rodrigues Brandão, também concorda nesse aspecto. Ambos abordam a educação como um processo de ensino/aprendizagem adquirido ao longo da vida dos indivíduos - portanto, carregado de valores culturais por eles construídos - e de diferentes formas: através *"de leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem de forma isolada ou em contato com grupos e organizações"* (GOHN, 1997:05).

Sendo assim, a educação que temos na escola oficial é uma das formas da educação. Nesses projetos pedagógicos das Escolas de Samba - do Rio de Janeiro e de São Paulo - existe outra forma de educação - a Educação Não-formal ou não-escolar.

Esse tipo de educação ocorre de maneira voluntária, espontânea, com a reunião de indivíduos que objetivam ensinar e aprender. Os temas são escolhidos por eles ou pela necessidade do aprofundamento e conhecimento de algum tema específico.

Na Rosas de Ouro, o indivíduo chega, é recebido e vai fazer a atividade com que ele melhor se identifica. Depois de algum tempo de convivência e acompanhamento, pela coordenação e pelos instrutores do projeto, tem início a orientação mais profunda, no sentido de ter percebido as suas dificuldades e carências: procuram amenizar ou sanar esses problemas; encaminham para a escola formal, incentivando e mostrando a necessidade de uma escolarização; conversam sobre a importância da higiene, da saúde, sobre os cuidados consigo mesmo evitando vícios, drogas, doenças; preparam-no para o mercado de trabalho, dentro ou fora do mundo do samba, conforme a opção desejada; e, ministram palestras sobre cidadania. Portanto, esse espaço pedagógico é utilizado para a formação do cidadão e também há a possibilidade de formar o profissional do samba e/ou iniciá-lo em outra profissão.

Alguns instrutores da Rosas de Ouro têm seu próprio negócio. Por exemplo, o mestre-sala tem seu ateliê; a instrutora de balé, a sua academia. E, com os modelos concretos, fica até mais fácil mostrar a importância de ser cidadão, de trabalhar, de estudar pois alguns dos instrutores voluntários da Rosas de Ouro, cresceram dentro da Escola e partir dela tiveram oportunidades de sucesso na vida profissional e social.

Os instrutores são membros da Escola de Samba Rosas de Ouro, que há algum tempo desfilam e convivem no ambiente do samba. A contribuição que dão para o projeto é voluntária, às vezes, há uma pequena ajuda de custo para o transporte. Conversando com alguns deles, percebi que sentem muito prazer em fazer este trabalho, que lhes é gratificante e que aprendem muito com as crianças e adolescentes. E se pode enxergar a veracidade desses depoimentos, não só através das falas, mas também dos seus olhos brilhantes e da emoção com que fazem e falam do seu trabalho.

Vale destacar aqui, parte dos depoimentos dados por ocasião da entrevista feita com alguns deles:

Rodrigo, instrutor e diretor da bateria mirim, membro da bateria adulta, é um jovem por volta de 16 ou 17 anos, quando pedi para dizer o que ele sentia sendo instrutor do grupo e como era feito esse trabalho:

"P'ra mim é um prazer poder 'tá passando aquilo que eu aprendi, agora passando para eles, é o maior prazer 'tá ensinando toda a criançada agora...
Ah! Tem muitos que já têm noção, têm outros que não tem, então esses que não têm vão pegando um pouco de ouvido p'ra quando pegar no instrumento ele já sabe. Tem muitas pessoas, muitas crianças que não sabe, então eu vou ensinando devagarzinho aí eles vão pegando rapidinho."

Quando perguntei se ele gostava do que fazia e qual era o seu sonho:

"Ah! Eu adoro. Meu sonho é ver essa criançada toda longe da rua, longe das drogas, fica' no samba que é um lugar maravilhoso."

Luciana Pereira, instrutora das passistas-mirins, trabalha na Secretaria do Bem Estar Social e da Família na Prefeitura e é formada em Administração de Empresas. Desfila há 20 anos e há 5 anos sai na frente da bateria, como madrinha, da Rosas de Ouro:

"É um trabalho que me gratifica, porque eu fui criada aqui e na minha época não tinha uma pessoa p'ra 'tá ensinando, imitava um, imitava outro e foi indo. Então, eu gosto muito, a Rosas me ajudou muito na vida, entendeu? Muita coisa que eu consegui, eu viajei muito, conheci muitas pessoas através da Rosas de Ouro e o mínimo que eu posso fazer é 'tá passando isso hoje p'ra quem 'tá começando, até p'ra 'tá dando continuidade na Escola."

Sobre as crianças:

"Eu acho que hoje em dia, o que motiva uma criança carente, quando eu falo carente, às vezes não é só financeiramente, carente de ter atenção especial. O que motiva uma criança hoje é o samba e o futebol. Isso é o que eles gostam...Esse projeto, quando seu Basílio teve a idéia, quem cuidava era eu junto com o Tito, entendeu? Então, foi por causa desse projeto que eu fui convidada a 'tá fazendo um outro trabalho na secretaria (Prefeitura)."

Sobre seu sonho:

"Olha, eu não diria nem que é um sonho porque eu tenho certeza que vai acontecer, só 'tá demorando um pouquinho. Nós fizemos uma proposta de convênio para a Prefeitura, no qual a Rosas de Ouro seria o projeto-piloto...Só que agora não sai porque a Prefeitura ainda não tem verba. E eu queria ver este projeto pronto em todas as Escolas de Samba porque são pontos estratégicos na cidade. Então, se tiver um projeto desse, em cada Escola, vai ajudar muito."

Zé Neguinho, instrutor da bateria mirim e um dos mestres da bateria adulta, assim falou sobre seu sentimento em ensinar:

"Ah! Eu acho que é muito bom , é gostoso. É uma dedicação que a gente tem...principalmente no meu caso, porque também aprendi a tocar na idade deles. E teve alguém, sempre teve alguém por trás de mim que me ensinava e tal. Então, o que eu aprendi, eu procuro passar p'ra eles."

Sobre os meninos:

"Têm vários garotos que têm muita força de vontade e eles mostram isso...Sempre têm alguns que é meio rebelde, mas a gente dá aquela 'chamadinha', como se fosse uma escola mesmo, e eles obedecem, é porque a vontade deles é aprender e ser um ritmista no futuro... O básico a gente ensina e mais algumas coisas e aí eles têm a própria criação deles também."

Sobre seu sonho:

"Meu sonho, veja bem, é ser feliz comigo mesmo, com a própria Escola e, principalmente, com a minha família."

Também tive a oportunidade de uma conversa com o presidente, quando apareceu de surpresa numa das noites de sexta-feira. Ele pareceu bem disposto a falar comigo e contou-me como foi fundada a Rosas de Ouro e como nasceu o projeto com as crianças.

O presidente da Rosas de Ouro falou-me com entusiasmo e orgulho por conseguir desenvolver este projeto, o que ele acha muito importante para a comunidade Rosas de Ouro como incentivo aos próprios membros, bem como para a comunidade de crianças e adolescentes, que se formam dentro da escola de samba, por terem uma opção de um caminho "... ensinar um caminho, tirando-os da rua e mostrando a importância do trabalho, da higiene..." conforme me disse o sr. Eduardo Basílio.

Ficou claro a intenção do presidente em ajudar essas crianças e adolescentes e também o sonho de tê-las fazendo parte dos membros da Rosas de Ouro, como componentes que desfilam pela Escola.

Caso se pudesse levar essa experiência educacional da Escola de Samba para dentro da escola formal, seria uma conquista e tanto. Poder-se-ia repensar totalmente o currículo, com a vantagem dele ser desenvolvido, focalizando a interdisciplinaridade e o respeito às diferentes culturas, o chamado pluriculturalismo ou multiculturalismo, mas não de maneira teórica, e, sim, mostrando concretamente a possibilidade de diálogo que acontece no samba, o qual, acolhendo os diferentes saberes e respeitando o conhecimento trazido por seus membros, permite a construção de um conhecimento concreto e com significado, para a vida dos educandos.

Ao fazer essa experiência, a Escola de Samba, tem, a meu ver, não apenas o objetivo de tirar as crianças e adolescentes da rua, mas também de responder a uma necessidade de criar mão-de-obra especilizada para criação do desfile carnavalesco e trazer prestígio chamando a atenção sobre ela, graças à qualidade do espetáculo criado, numa tentativa de aumentar os patrocínios, para inclusive, dar continuidade ao projeto.

As competições no universo carnavalesco são muito marcantes, entre as escolas de samba paulistanas, mas tendo em vista as do Rio de Janeiro como modelo presente pela atuação da mídia, exigindo uma mão-de-obra qualificada com características específicas para a montagem do desfile carnavalesco.

José Muniz Júnior (1976) já relatava que a festa carnavalesca estava deixando de ser popular para ser uma representação da classe média, que tem uma visão diferenciada de carnaval, o que significaria uma descaracterização da Escola de Samba enquanto reduto de samba, pois a substituição dos profissionais do samba, tais como: artesões, costureiras, puxadores vêm ocorrendo gradativamente, numa tentativa de modernizar a Escola de Samba.

No entanto, a qualificação para o profissionalismo, dito moderno, nas Escolas de Samba, necessita do conhecimento artesanal para se concretizar, uma vez que mesmo diante dos avanços tecnológicos, da técnica, da indústria cultural, este conhecimento dos artesões, costureiras, puxadores de samba não pode ser descartados porque serve de base para o avanço tecnológico, no caso do carnaval. Por mais que pretendam substituir o manual pela técnica, na 'indústria cultural do carnaval', isso não acontece de forma completa, pois, como diz Beth Carvalho*"o samba não morreu nem morrerá, por mais que os pessimistas o lastimem e a moda o modifique"*(O Estado de São Paulo, 10/02/1995).

Tendo em mente essa importância do profissional do samba, a Escola recorre aos seus próprios talentos ao formar, para si, esses profissionais, para que não precise 'importar' profissionais de outras agremiações, pois sem eles a festa perde o brilho.

A mão-de-obra especializada para a montagem do desfile das agremiações está cada vez mais escassa, pois vêm crescendo muito o número de agremiações e não há, por parte do mercado, preocupação em estar formando esse tipo de mão-de-obra, considerada ultrapassada.

Com a idéia de globalização, pensa-se que tudo pode ser visto pela ótica do econômico, frizando as características atuais para um bom desempenho profissional como um paradigma que pode ser utilizado em âmbito geral. Porém, apesar da cultura também estar sofrendo fortemente este processo, verifica-se algumas especificidades, as quais são marcantes para fazer com que o carnaval, por exemplo, não perca a sua originalidade diante do global. Por mais técnico, por mais industrializado, o desfile das Escolas de Samba conta com o principal - o envolvimento do sambista nato, que ensinou e ensina aos seus descendentes esses saberes e atitudes -, que impulsionam toda a montagem do desfile desde a confecção das fantasias, dos carros alegóricos até a composição do samba-enredo e que não há técnica que substitua. Apesar das inúmeras tentativas para enquadramento das emoções, há sempre o imprevisto. Segundo Fernando Pamplona, artista plástico,

"gostar de samba, não é só privilégio de analfabeto ou de inculto. Um artista não só pode como deve gostar de escola de samba, por exemplo, porque ela é uma manifestação popular e o artista tem obrigação precípua de ser seu intérprete"
(MUNIZ JR., 1976:122).

No carnaval de 1997, houve uma tentativa de mudança estética mais radical, mais tecnológica, no entanto apesar do 'brilho' revelado pelas cores e efeitos especiais computadorizados, o desfile da Mocidade Alegre apresentou-se sem brilho. Seu enredo era uma homenagem a Hans Donner, da Rede Globo, que é um especialista em computação gráfica, fazendo aberturas espetaculares de novelas, de minisséries e outras. O carnavalesco Orlando Midaglia, contando com a assessoria de Hans Donner, criou uma estética TV mais 'clean', um figurino despojado de plumas, penas, tecidos brilhantes, rendas que era encontrado apenas nos destaques, quebrando um pouco da tradição do carnaval que acabou chocando os espectadores das arquibancadas que não se sentiram contagiados. Essa visão foi reforçada, inclusive, pelos meios de comunicação que são os responsáveis mais diretos pela transformação do carvanal-festa para o carnaval-espetáculo.

Sérgio Cabral, desde 1965, já alertava para alguns itens que, na sua visão, seriam erros a ser cometidos, ao se tentar certas modificações numa escola de samba:

"não há necessidade de preparar coreograficamente uma escola de samba. A escola tem uma dança própria, muito rica, variada e bonita. Em matéria de escola de samba, ninguém faz coisas melhores que os próprios sambistas; a dança da escola é espontânea. Qualquer disciplina coreográfica imposta aos sambistas é uma violência contra o espírito das escolas de samba. Tão grave que deixa de ser escola de samba (pelo menos na dança) para transformar-se em outra coisa; finalmente, um argumento que deve sensibilizar mais os responsáveis por essas inovações: as escolas de samba, que usam recursos estranhos à tradição, só estão recebendo boas notas no desfile porque as comissões julgadoras têm sido formadas por gente que nada entende do assunto e de deixam influenciar por certas papagaiadas..." (MUNIZ JR., 1976:126).

Na visão da Luciana, madrinha da bateria da Rosas de Ouro,"se tiver um projeto desse, em cada Escola, vai ajudar muito... porque são pontos estratégicos". Estou de acordo com ela, visto que a população carente, a camada inferior, está localizada ao redor dessas agremiações e, também, porque é uma das motivações mais fortes das crianças, dos adolescentes e dos jovens hoje. Às vezes, a única forma de entretenimento a que essa população pode ter acesso, é o ensaio da Escola de Samba e a montagem de seu desfile.

Concluindo, o trabalho que fiz, constitue uma parcela mínima do que ainda pode ser estudado na relação entre Carnaval e Educação. Há muito que estudar, conhecer, trabalhar, aprender, ensinar, fazer neste campo. Para minha formação enquanto educadora, só levo a certeza de que este tema pode ser um espaço profícuo para o estudo de muitos aspectos da educação não-formal, bem como a escola de samba um espaço cultural para a ocorrência de processos educativos, os quais possibilitam um repensar da educação formal, por permitir entender formas de construção de conhecimento que levam à noção de cidadania.

Este trabalho fez com que eu pudesse desmistificar conceitos e preconceitos, aprendendo com a realidade alguns valores relevantes para um educador enquanto profissional e enquanto cidadão comum. Isso ficou muito marcado em mim, pois acredito que todos nós somos, ao mesmo tempo, aprendizes e mestres.

IV - AS ESCOLAS DE SAMBA DA CIDADE DE SÃO PAULO

1. O processo de federalização das Escolas de samba
2. Projetos para a Comunidade

1. O processo de federalização das Escolas de samba

Em São Paulo, as entidades coordenadoras são três: a Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo, a FESEC - Federação das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas do Estado de São Paulo e a UESP - União das Escolas de Samba Paulistanas.

Essas entidades são responsáveis pela coordenação geral do carnaval em São Paulo. A Liga cuida das Escolas de Samba do grupo especial e do grupo 1. A UESP coordena as Escolas de Samba dos outros grupos, os blocos e cordões carnavalescos. Tanto a Liga quanto a UESP atuam na cidade de São Paulo.

Tive contato mais direto com a UESP e a FESEC, com a Liga não houve contato porém, em conversa com as outras entidades obtive algumas informações.

Segundo o diretor de carnaval da UESP, a Liga é responsável por tudo que é referente ao desfile das Escolas de Samba: parte jurídica, infra-estrutura, organização, divulgação...apenas do grupo especial e grupo 1.

A UESP tem esta mesma responsabilidade mas para com as Escolas de Samba dos outros grupos (1A - 2 - 3), num total de 78 Escolas; e os Blocos Carnavalescos, que são 27 divididos em grupos (especial, 1 e de acesso). Cada grupo têm dez Escolas de Samba, em média, e são divididas por regiões: norte, sul, leste e oeste. A ascensão dos grupos acontece de forma decrescente, ou seja, do grupo 3 para o grupo 2 e assim por diante até chegar no grupo especial. No grupo especial e no grupo 1 estão as escolas de samba mais conhecidas, ou que ganham maior divulgação por parte dos meios de comunicação, aquelas que desfilam no centro da cidade (e em outras cidades também). As escolas dos outros grupos desfilam em suas regiões.

A UESP e a Liga organizam cursos visando ajudar as Escolas de Samba no desenvolvimento do seu desfile, relembrando as normas, avaliando o carnaval anterior tentando solucionar as falhas ocorridas, etc. Em 1997,

houve o Curso Técnico sobre Quesitos de Julgamento de Escolas de Samba e Blocos carnavalescos; em abril de 1998, o Curso de Harmonia para os diretores de harmonia das Escolas de Samba. A UESP também apoia o projeto 'Integrando as Artes', um projeto que consiste no desenvolvimento da capacitação profissional de jovens e adolescentes carentes de São Paulo.

Na FESEC conversei com o Marcelo Luiz da Silva, secretário administrativo, que me disse que a função da FESEC é de preparar jurados para o carnaval e fazer palestras sobre quesitos de julgamento, com o objetivo de incentivar a cultura carnavalesca, principalmente no interior do Estado de São Paulo, pois na cidade de São Paulo a Liga e a UESP cumprem tal papel. O curso de jurados, para todos os quesitos, ensina como julgar um quesito, como deve estar preparado este quesito pela Escola, como deve ser apresentado na hora do desfile, o que pode levar à perda de pontos, a necessidade de coerência com o enredo, etc..

Segundo o secretário administrativo da FESEC, no interior de São Paulo, não há experiências de projetos pedagógicos nem profissionalizantes nas Escolas de Samba, pois não há uma preocupação com a comunidade e nem verbas para isso. As Escolas de Samba, no interior paulista, muitas vezes decidem o enredo, dois ou três meses antes do carnaval, não possuindo, muitas vezes, quadras que permitam um trabalho organizado ao longo do ano.

UNICAMP - FE BIBLIOTECA

2. Projetos para a Comunidade

Com ajuda do diretor de carnaval da UESP e do secretário administrativo da FESEC, tive acesso às Escolas de Samba que possivelmente teriam um projeto, seja pedagógico, seja profissionalizante ou ambos. Alguns contatos aconteceram pessoalmente, outros muitos por telefone.

Dentre os contatos obtidos, pude concluir que algumas Escolas pensam em fazer, mas não têm estrutura para subsidiar um projeto e ficam esperando ajuda e/ou contrato com a Prefeitura; outras que já tiveram, tentam reativar, porém esbarram também no problema financeiro. A única experiência que está hoje em funcionamento, é a da Rosas de Ouro, que segundo o seu presidente - sr. Eduardo Basílio -, em entrevista a mim concedida, disse que não espera por ajuda da Prefeitura, porque demora muito ou nunca chega. Para dar continuidade ao projeto e até mesmo ampliá-lo, no sentido de oferecer mais alternativas de cursos, ele busca colaboração de membros da própria Escola, os quais possuem uma situação mais privilegiada, financeiramente dizendo, de patrocinadores, de contratos para shows, dentro e fora do país, de animação de festas em diferentes comemorações.

Infelizmente, a barreira econômica acaba não permitindo a expansão desses projetos nas Escolas de Samba, que seriam muito importantes para as comunidades, por elas abrangidas, porque possibilitariam senão resolução, ao menos dar maiores oportunidades de trabalho à camada mais pobre da população, além de aumentar a auto-estima e a noção de pertencimento ao grupo local, o que conduzem à atitudes positivas por parte do jovem ou adolescente.

V - BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Almerindo J. "Sociologia da Educação não-escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática?, In: ESTEVES, A.J. e STOER, S. R. (orgs.). **A Sociologia da Escola - professores, Educação e desenvolvimento**, Biblioteca das Ciências do Homem, Ed. Apontamento, Porto, 1992.

- ANTONIO, C. F. **Carnaval, identidade étnico-cultural e educação não-formal**. Dissertação de Mestrado. FE/UNICAMP, Campinas/SP: 1997.

- BRANDÃO, Carlos R. **O que é Educação**. Ed.Brasiliense, São Paulo, 1994, 29ª edição.

- BRANDÃO, Carlos R. (org.). **As faces da memória**. Centro de Memória Unicamp, Coleção Seminários, Campinas/SP., nº 2.

- BRITTO, Iêda M. "Carnaval em São João del Rei: quando a tristeza é imposta para comprometer a festa". Revista Outros Olhares, Centro de Memória Unicamp, Campinas/SP., nº1, 1996, p.19-22.

- CERIZARA, Beatriz. **Rousseau, a educação na infância**. Ed.Scipione, São Paulo, 1990.

- CHINELLI, Filippina. "O projeto pedagógico das escolas de samba e o acesso à cidadania - o caso da Mangueira." Cadernos CEDES, nº33, São Paulo, 1993, p. 43-86.

- DEMARTINI, Zeila de B. F. "A escolarização da população negra na cidade de São Paulo nas primeiras décadas deste século". Ande, São Paulo, 1989.

- DIMESNTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil** Ed. Ática, São Paulo, 1993, 2ª edição.

- FARIAS, Edson S. **O desfile e a cidade: o carnaval-espetáculo carioca**. Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, Campinas/SP.,1995.

- FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. Ed. Cortez, São Paulo, 1989.

- FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1996.

- FLAVEL, John H. **A Psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1988, 3ª ed.

- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Ed. Cortez, São Paulo, 1993.

- GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. Ed. Scipione, São Paulo, 1989.

- GOHN, Maria da Glória. "Educação não-formal no Brasil: anos 90". Cidadania/textos, São Paulo, nº 10, nov/1997, p.1-15.

- GOLDWASSER, M. J. **O palácio do samba: Estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.

- GUSMÃO, Neusa M. M. de e SIMSON, Olga R. de M. von "A criação na diáspora e o exercício da resistência inteligente". Ciência Sociais hoje, Anuário de Antropologia, Política e Sociologia, São Paulo, 1989, p. 217-243.

- GUSMÃO, Neusa M. M. "Fundo de memória: infância e escola em famílias negras em São Paulo". Caderno CEDES, São Paulo, nº 42, 1997, p. 53-74.

- LEITE, Lígia Costa. "Referências culturais e a construção da escola". Cadernos CEDES, São Paulo, nº 33, 1993, p.75-86.

- LUDKE, Menga e ANDRE, M. E. D.**Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. EPU, São Paulo,1986.

- MATTA, Roberto da. **Ensaios de Antropologia Estrutural: o carnaval como um rito de passagem**. Editora Vozes, Petrópolis/RJ., 1977, 2ª edição.

- MATTA, Roberto da.**Carnavais, malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro**. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1983, 4ª edição.

- MEKSENAS, Paulo. **Sociedade, Filosofia e Educação**. Edições Loyola, São Paulo, 1994.

- MEYER, Marlyse. "O carnaval nos folguedos populares brasileiros". Revista Outros Olhares, Centro de Memória Unicamp, Campinas/SP., nº1, 1996, p.07-18.

- MORAES, Wilson R. de. **Escolas de Samba de São Paulo (capital)**. Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, São Paulo, 1978.

- MUNANGA, Kabengele. "Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades". Revista de Antropologia, São Paulo, nº 33, 1990, p.109-117.

- MUNIZ JR., J. **Do batuque à Escola de Samba**. Edições Símbolo, São Paulo, 1976.

- NASCIMENTO, Regina C. O.**Trajetória de uma identidade.** Dissertação de Mestrado: IFCH/Unicamp, Campinas/SP.: 1994.

- OLIVEIRA, Marta Kohl.**Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. Ed. Scipione, São Paulo,1993.

- PARK, Margareth B.**Memória, Educação e Cidadania tecendo o cotidiano de creches e pré-escolas em Itupeva/SP**. Centro de Memória Unicamp: Coleção Educação e História. Campinas/SP.: 1996.

- PEREIRA, Leonardo A. de M.**Por trás das máscaras: Machado de Assis e os literatos cariocas no carnaval da virada do século**. IFCH/UNICAMP, Campinas/SP., Ano 2, nº3, 1992.

- PINTO, Regina Pahim. "A educação do negro: uma revisão da bibliografia". Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 62, ago/1987, p. 03-34.

- PINTO, Regina Pahim. "Multiculturalidade e educação de negros". Cadernos CEDES, São Paulo, nº 32, 1993, p. 35-48.

- QUEIROZ, Maria Isaura P. "Escolas de Samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana". Ciência e Cultura. Rio de Janeiro, jun/1984, p. 893-909.

- QUEIROZ, Maria Isaura P. "Carnaval brasileiro: da origem européia ao símbolo nacional". Ciência e Cultura. Rio de Janeiro, ago/1987, p. 717-729.

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. "da definição de carnaval." Cadernos CERU, São Paulo, nº 11, set/78, p. 77-83.

- QUEIROZ, Maria Isaura P. **Carnaval brasileiro: o mito e o vivido.** Ed. Brasiliense, São Paulo, 1992.

- RISÉRIO, Antonio. "Carnaval: as cores da mudança". Afro-Ásia: Publicação do Centro de Estudos Afro-orientais da Universidade Federal da Bahia em co-edição com a EDUFBA. Salvador/Ba, nº 16, 1995, p. 90-106.

- RODRIGUES, Ana Maria. **Samba negro, espoliação branca.** Hucitec, São Paulo, 1984.

- ROSEMBERG, Fulvia. "Raça e Educação inicial". Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 77, maio/1991, p.25-34.

- ROSEMBERG, Fulvia. "Educação Infantil, classe, raça e gênero". Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 96, fev/1996, p.58-65.

- SILVA, Consuelo D. **Negro, qual é o seu nome?**. Maza Edições, Belo Horizonte/MG., 1995.

- SILVA, Jônatas C. "O querer é o eterno poder: história e resistência no Bloco Afro". Afro-Ásia: Publicação do Centro de Estudos Afro-orientais da Universidade Federal da Bahia em co-edição com a EDUFBA, Salvador/Ba, nº 16, 1995, p. 107-114.

- SILVA, Petronilha B. G. e. "Diversidade étnico-cultural e currículos escolares - dilemas e possibilidades". Cadernos CEDES, São Paulo, nº 32, 1993, p.25-34.

- SIMSON, Olga R. de M. von. "Espaço urbano e folguedo carnavalesco no Brasil: uma visão ao longo do tempo." Cadernos CERU, São Paulo, nº 14, ago/1981, p. 297-305.

- SIMSON, Olga R. de M. von. "Transformações culturais, criatividade popular e comunicação de massa: o carnaval brasileiro ao longo do tempo." Cadernos CERU, São Paulo, nº 15, dez/1981, p. 43- 56.

- SIMSON, Olga R. de M. von. **A burguesia se diverte no reinado de Momo: sessenta anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo (1855-1915)**. Dissertação de Mestrado: FFLCH/USP, São Paulo, 1984.

- SIMSON, Olga R. de M. von. "O negro paulistano enquanto folião carnavalesco e sua longa trajetória em busca da cidadania." Estudos Afro-asiáticos, São Paulo, nº13, março/87, p. 61-78.

- SIMSON, Olga R. de M. von. **Brancos e negros no carnaval popular paulistano (1914 - 1988)**. Tese de doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 1989.

- SIMSON, Olga R de M. von. "Folguedo carnavalesco, memória e identidade sócio-cultural". Revista Resgate, nº03, 1991, p.53-60.

- SIMSON, Olga R. de M. von (et allii). "A valorização da diferenciação sócio-cultural como fator de integração de estudantes em situação de risco: Discussão de uma experiência concreta - O Projeto Sol de Paulínia/SP.", (mimeo), nov./1997, p. 01-20.

- URBANO, M. A. (et allii). **Arte em desfile: Escola de Samba Paulistana**. Edicon, São Paulo, 1987.

- VALENTE, Ana L. E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. Ed. Moderna, São Paulo, 1991.

- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Martins Fontes, São Paulo, 1993

- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Martins Fontes, São Paulo, 1994.

JORNAIS E REVISTAS

- Correio Popular - 01/02/97
- O Globo - 22/02/90
- Revista Cláudia: "O carnaval das crianças", Thaís de Oliveira, fev/1998, p. 24-25.

VI - ANEXO

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO:

PLANO DE TRABALHO SERCOM

- SAMBA SE APRENDE NA ESCOLA -

2. IDENTIFICAÇÃO DA ENTIDADE:

SOCIEDADE ROSAS DE OURO

R. Coronel Euclides Machado, 1066 – São Paulo -SP – CEP. 02713-000
TEL. / FAX. (011) 857.4555 / 266-0608

3. ATENDIMENTO:

FAIXA ETÁRIA: 07 a 17 anos e 11 meses

CAPACIDADE: 150 crianças

HORÁRIO DE ATENDIMENTO: 8:00 ás 21 :00hs

4. DO REPRESENTANTE LEGAL:

PRESIDENTE

NOME: Hernane Basilio
R.G.: 2.683.396
CPF.: 321.529.308-00

1. JUSTIFICATIVA:

A Sociedade Rosas de Ouro, atende em caráter gratuito crianças e adolescentes carentes proporcionando condições de desenvolvimento bio-psico-social e oferecendo iniciação profissional envolvendo a família no processo sócio educativo dos jovens.
A região atendida localiza - se na Zona Norte da Capital, abrangendo os bairros de Vila Brasilandia, Itaberaba, Freguesia do Ó, Cachoeirinha, Vila Santa Maria, Bairro do Limão, Jardim das Graças e adjacências. A população atendida compõe-se basicamente por famílias provenientes de favelas e cortiços incluindo as verticalizações (CINGAPURA).
Dentre os problemas que normalmente advém desta realidade, constatou-se o uso de entorpecentes por parte dos jovens influenciados por traficantes. Tal situação os induziam à marginalidade.
Buscando uma solução alternativa para combater esse meio, a Entidade passou a oferecer o seu espaço, usando dos recursos próprios de uma Escola de Samba e do fascínio que a mesma exerce sobre as pessoas para atraí-los a comunidade, tirando-os da rua.
Nesta perspectiva, a Escola organizou programas visando o atendimento às crianças e adolescentes em períodos alternados com os da escola, ou seja, das 8:00 às 21:00 h; oferecendo oportunidade de desenvolverem atividades educacionais, culturais e esportivas em ambiente que favoreça o seu pleno desenvolvimento como cidadão.
Após esse momento de atração por parte dos jovens, constatou-se a necessidade de ampliar os serviços oferecidos vinculando a sua profissionalização futura.

1.1 - CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

Habitação: o bairro caracteriza-se por casas de classe média (minoria), média baixa, barracos e cortiços, estes últimos em grande maioria e hoje, CINGAPURAS.
Transportes: o bairro é servido por várias linhas de ônibus principalmente para o centro da cidade.
Saúde: conta com Postos de Saúde, Hospitais, Pronto Socorros, Ambulatórios do INSS. e PAS.
Esporte e Lazer: somente a Sociedade Rosas de Ouro.
Cultura: Existe uma biblioteca distante e a Casa da Cultura da Freguesia do Ó.
Comércio: está centralizado com comércio bastante variado, longe do bairro onde está situado a Sede da Sociedade.
Serviços: Existem várias delegacias.
Saneamento Básico: a região é servida por rede de água e luz e em alguns lugares existe rede de esgoto.

1.2 POPULAÇÃO ALVO:

A população alvo a ser atendida por este plano será basicamente formada por crianças e adolescentes vindos de famílias de 0 a 04 salários mínimos, que em sua maioria, sem qualificação profissional que procuram o atendimento.

2. OBJETIVO GERAL:

Atendimento de crianças e adolescentes de ambos os sexos na faixa de 07 a 17 anos e 11 meses tirando-os das ruas com o objetivo de vinculá-los a proposta da Escola de Samba que gera grande atrativo nesta faixa e profissionalizando - os em áreas específicas, visando prepará-los para um mercado de trabalho competitivo, não invalidando a possibilidade da criação de novos talentos que esse vínculo possa oferecer.
Desenvolver ainda atividades educativas, recreativas e preventivas com as crianças e adolescentes buscando sempre melhorias na qualidade de vida e paralelamente integrando as famílias dos mesmos nas atividades propostas, pois o Samba hoje é uma industria, que vem crescendo assustadoramente nas áreas de turismo.

3.OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Propiciar alternativa de lazer para crianças e adolescentes incentivando a integração em seu Bairro e sua Cidade;
- Levar as crianças e os adolescentes a valorizar e preservar a arte e a cultura do nosso país;
- Fazer com que crianças e adolescentes tenham a oportunidade de praticar atividades saudáveis ao corpo e a mente, desenvolvendo o lado artístico;
- Trabalhar a dinâmica de uma Escola de Samba, como um dos pontos principais do turismo e da cultura brasileira, bem como o enorme mercado de trabalho que se abre nessa perspectiva;
- Envolver crianças e adolescentes em trabalhos, com o objetivo de situá-los na sociedade e inseri-los num mecanismo que possa alterar sua atuação, bem como ajudá-los a entender os aspectos ligados a situação em que se encontra;
- Trabalhar oficinas gerais com o objetivo de integrar todos os jovens do projeto, seja no ramo dos esportes e principalmente artes ligadas ou não as atividades da Escola de Samba;
- Desenvolver palestras com orientação sexual, em grupos divididos por faixa etária, atentando aos cuidados com DST e paternidade responsável;;
- Grupos de orientação abrangendo a totalidade dos jovens em aspectos ligados ao seu cotidiano, suas dúvidas e receios
- Orientar quanto as questões ligadas ao mercado de trabalho e suas diferenças de formalidade, bem como a sua inserção, prioritariamente no mercado formal;
- Orientações por intermédio de palestras e/ou projetos específicos sobre a questão da educação ambiental.

4 -CLIENTELA

Faixa etária : de 07 á 17 anos e 11 meses
Sexo: ambos os sexos, sem distinção
Renda familiar: de 0 a 4 salários mínimos, predominantemente.

5. CAPACIDADE DE ATENDIMENTO

Números de usuários atendidos diariamente: 150

6. CRITÉRIO DE SELEÇÃO DA DEMANDA

- **Condições econômicas:** renda familiar prioritariamente da 0 a 4 salários mínimos;
- **Condições sociais:** crianças e adolescentes em situação de risco devido à precariedade de moradia, baixo salário, falta de emprego, violência, doença, abandono, tráfego de drogas, confinamento, necessidade de convívio com outras crianças, etc.;

7. METAS

- Garantir o atendimento a 150 (cento e cinquenta) crianças e adolescentes no decorrer do ano;
- Assegurar melhor qualidade de vida das crianças e adolescentes garantindo atendimento adequado aos grupos que os jovens serão inseridos;
- Diminuir a agressividade da totalidade dos usuários atendidos
- Acompanhamento por parte de um educador, sobre as atividades desenvolvidas pelas crianças e adolescentes em suas escolas regulares;
- Que as crianças e adolescentes atendidas sejam capazes de fazer algum tipo de artesanato, arte , ou esporte.
- Que a totalidade dos atendidos tenham adquirido hábitos relativos a educação ambiental, incluindo a preservação do seu espaço, a partir da reciclagem de materiais e sua utilidade na qualidade de vida ;
- Envolver a totalidade das famílias e responsáveis pelos participantes nas atividades do Projeto SERCOM, inserindo-os em palestras específicas sobre a criança e o adolescente e/ou outras que destaquem sua importância na formação da personalidade desse jovem.

8. PROGRAMAÇÃO

Esta contida nos quadros:
Quadro I - Programação de cursos desenvolvidos
Quadro II - Cardápio Básico
Quadro III - Horário Semanal das Atividade

9. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Horário de Funcionamento: das 8:00 às 21:00h de 2ª. a 6ª.feiras e finais de semana
Início:
Horário Semanal de Atividades está contido no Quadro III

10. RECURSOS MATERIAIS

10.1 INSTALAÇÕES

Salas de:	**n.°**	**Salas de:**	**n.°**
Atividades	03	Banheiros	08
Múltiplo uso (quadras)	02	Chuveiros	03
Escritório	02		

Além de cozinha, Despensa, Refeitório, Lavanderia, Área de Lazer e Área Externa.

10.2 MATERIAL DE CONSUMO (Verificar Quadro anexo)

11. RECURSOS HUMANOS

Além da equipe de trabalho da unidade prestadora de serviço, a entidade mantém uma infra-estrutura administrativa e um Grupo de Apoio Pedagógico. Este grupo faz o recrutamento e a seleção de pessoal, o treinamento especial e continuo, a iniciação profissional relacionadas ou não a Escola de Samba.
Recursos Humanos - verificar quadro IV

12. RECURSOS FINANCEIROS

Verba recebida da PMSP, mais as arrecadações, através de doação, promoções, sócios, festas e etc.

13. COMPETÊNCIAS E RESPONSABILIDADES

Ver quadro V

14. SUPERVISÃO

A finalidade da supervisão é garantir um bom padrão de atendimento.
Por isso será realizada pela:

Equipe Técnica de FABES - SURBES e pela
Equipe Técnica da Entidade

Ambas assessoram e colaboram na elaboração, e implementação do plano de trabalho e na formação do pessoal para manter a qualidade do atendimento.
Além disso, a Equipe da Entidade procura divulgar e manter a proposta educativa da Sociedade Rosas de Ouro.
A supervisão será desenvolvida através de SURBES com visitas, relatórios e encontros.

15. CONTROLE DE AVALIAÇÃO

- As crianças / adolescentes, avaliarão as atividades desenvolvidas, através de conversas em grupo, de entrevistas com as monitoras e questionário. A partir daí podem sugerir atividades para a programação.
- As crianças / adolescentes serão avaliadas/os pelo desempenho e interesse nas atividades de acordo com a observação sistemática dos educadores e o parecer de seus responsáveis em casa e na escola;
- As famílias irão avaliar o trabalho, bem como a qualidade do atendimento prestados nas reuniões sistemáticas e no diálogo constante com o coordenador e os educadores. Essas reuniões são importantes, pois o coordenador e o educador avaliam cada caso e orientam de acordo com a necessidade de cada um;
- A equipe de trabalho, de acordo com o cronograma, terá momentos para avaliar a realização das atividades, considerando a contribuição das crianças / adolescentes e responsáveis.
- FABES - SURBES e Entidade : farão a avaliação de acordo com as propostas feitas. Essa avaliação facilitará o aprimoramento da programação do atendimento e de replanejar.

17. PRESTAÇÃO DE CONTAS

A prestação de contas será mensal, atendendo as exigências de FABES , conforme convênio a ser firmado.

18. CRONOGRAMA

Ver quadro VI - Cronograma de Atividades

QUADRO I - A

PROGRAMAÇÃO DE CURSOS DESENVOLVIDOS
FAIXA ETÁRIA - 7 A 11 ANOS E 11 MESES

Área Programática	Carga horária semanal	Freqüência	Conteúdo	Estratégia
Formação de Ritmistas	**02 turmas (2 horas cada)**	**Semanal**	**Aulas de percussão, origem dos batuques, ritmos e afinação, montagem dos instrumentos e os respectivos materiais usados.**	**Conhecimento e utilização do pandeiro, surdo, repinique, tarol, tamborim, cuíca e outros...**
Formação de Mestre – Sala e Porta – Bandeira	**02 turmas (2 horas cada)**	**Semanal**	**Ensina-se a dança do casal de MS/PB a execução desse bailado no ritmo do samba, a origem a história e a importância de preservar a nossa cultura**	**Aulas desenvolvidas a partir da demonstração dos casais de MS/PB da Escola e vídeos de apresentação dessa cultura em todo o nosso país**
Formação em Samba Autêntico	**02 Turmas (2 horas cada)**	**Semanal**	**Aulas de dança, samba no pé e passos a assimilação dos ritmos, a postura e o gingado dos passistas**	**A diferença do samba no pé, o partido alto e o pagode. Demonstração do comportamento, da postura e vestimentas**

QUADRO I - B

PROGRAMAÇÃO DE CURSOS DESENVOLVIDOS
FAIXA ETÁRIA - 12 A 13 ANOS E 11 MESES

Área Programática	Carga horária semanal	Freqüência	Conteúdo	Estratégia
Curso de Capoeira	**4 horas**	**2X Semanal**	**Ensina-se o jogo trazido pelos escravos africanos, a ginga, a confecção e o manuseio dos instrumentos (berimbau, atabaque e pandeiro) a história e a herança cultural, ainda graduando os participantes**	**O jogo de roda, a expressão baiana ao som de berimbau, condicionamento físico dos participantes**
Curso de Ballet	**4 horas**	**2 X Semanal**	**Noções básicas de dança clássica**	**Técnica para dançar nas pontas dos pés, postura e demonstração da leveza desses movimentos.**
Curso de Introdução a Informática	**4 horas**	**2X Semanal**	**Introdução a informática** • **MS DOS** • **WINDOWS 3.11** • **WORD FOR WINDOWS BÁSICO** • **EXCEL FOR WINDOWS BÁSICO**	**Aulas teóricas e práticas, conhecimentos do computador, manuseio e entretenimento**

QUADRO I - C

PROGRAMAÇÃO DE CURSOS DESENVOLVIDOS
FAIXA ETÁRIA - 14 A 17 ANOS E 11 MESES

Área Programática	Carga horária semanal	Freqüência	Conteúdo	Estratégia
Corte e Costura	**4 horas**	**2X Semanal**	**Manuseio e entendimento das maquinas, nomenclatura e acionamento das mesmas, controle e velocidade. Costura em curvas e cantos, colocação de linha, lubrificação e limpeza, montagem de peças, golas e pregas, desmanche de costura risco e corte**	**Aulas práticas, palestras sobre a profissão no mercado de trabalho e confecção de qualquer peça**
Cabelereiro	**4 horas**	**2 X Semanal**	**Noções de higiene e limpeza, cortes, tratamentos especiais, penteados, tintura, descoloração, reflexo, escova, permanente, e aperfeiçoamento em penteados afro**	**Trabalhos práticos em perucas, pesquisa em revistas especializadas e visitas a salões estruturados.**

UNICAMP - FA[illegible]TECA

QUADRO I - C (continuação)

PROGRAMAÇÃO DE CURSOS DESENVOLVIDOS
FAIXA ETÁRIA - 14 A 17 ANOS E 11 MESES

Área Programática	Carga horária semanal	Freqüência	Conteúdo	Estratégia
Marcenaria	**4 horas**	**2 X Semanal**	• Desenho técnico • Tecnologia em marcenaria • Artesanato e pequenos móveis • Confecção de móveis em geral • Acabamento e aperfeiçoamento	**Aulas expositivas sobre o respectivo mercado de trabalho e manuseio geral das maquinas**
Serralheria	**4 horas**	**2X Semanal**	• Técnilogia em serralheria • Introdução a confecção de pequenas estruturas • Confecção de janelas, grades e escadas • Aperfeiçoamento	**Aulas expositivas sobre o mercado de trabalho e manuseio geral de máquinas**
Curso de Introdução a Informática	**4 horas**	**2 X Semanal**	**Introdução a informática** • MS DOS • WINDOWS 3.11 • WORD FOR WINDOWS BÁSICO • EXCEL FOR WINDOWS	**Aulas teóricas e práticas, manuseio conhecimentos gerais, e mercado de trabalho**

QUADRO II

CARDÁPIO BASICO

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
Lanche de salame com alface e tomate, fruta, suco natural	**Lanche com presunto queijo, chocolate em barra, suco natural**	**Lanche com carne desfiada, gelatina, suco natural**	**Lanche com salsicha ao molho, gelatina, suco natural**	**Bolo chocolate (barra), suco natural**	**Alternativo**

Obs.: Mantivemos o mesmo cardápio com o mesmo custo com a Empresa NUTRIART, conforme fls. 73 e 74

QUADRO III - A

HORÁRIO SEMANAL DAS ATIVIDADES
FAIXA ETÁRIA – 7 A 11 ANOS E 11 MESES

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
30 Crianças Formação de Ritmistas		**10:00/12:00 15 crianças**			**16:00/18:00 15 crianças**
20 Crianças Formação M.S/P.B.	**10:00/12:00 10 crianças**			**16:00/18:00 10 crianças**	
20 Crianças Formação Sambistas/Passistas		**18:00/20:00 10 crianças**			**18:00/20:00 10 crianças**

Obs.: O horário se restringe a duas horas semanais em cada turma, tendo em vista os horários em que as crianças frequentam as aulas

QUADRO III - B

HORÁRIO SEMANAL DAS ATIVIDADES
FAIXA ETÁRIA – 12 A 13 ANOS E 11 MESES

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
20 Crianças Capoeira		**18:00/20:00 10 crianças**		**18:00/20:00 10 crianças**	
20 Crianças Ballet	**18:00/20:00 10 crianças**		**18:00/20:00 10 crianças**		
40 Crianças Introdução a Informática	**8:00/10:00 10 crianças**			**14:00/16:00 10 crianças**	
	10:00/12:00 10 crianças			**16:00/18:00 10 crianças**	

Obs.: Os integrantes do curso de capoeira e ballet participarão do curso de informática que atenderá 10 (dez) crianças por turma.

QUADRO III - C

HORÁRIO SEMANAL DAS ATIVIDADES
FAIXA ETÁRIA – 14 A 17 ANOS E 11 MESES

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
10 Criança Corte e Costura	9:00/11:00			14:00/16:00	
10 Crianças Cabelereiro		9:00/11:00			14:00/16:00
10 crianças Serralheria	10:00/12:00			15:00/17:00	
10 crianças Marcenaria		14:00/16:00			10:00/12:00
40 Crianças Introdução a Informática	14:00/16:00 10 crianças 16:00/18:00 10 crianças			8:00/10:00 10 crianças 10:00/12:00 10 crianças	

Obs.: Todos os integrantes dos demais cursos profissionalizantes participarão das atividades do curso de informática que foi dividido em turmas de 10 adolescentes

QUADRO IV

RECURSOS HUMANOS

RH ATIVIDADES INSTRUTORES	DESP. PESS.	CARGA HORÁRIA AULA SEMANAL	REGIME TRAB.	SALARIO HORA/AULA	SALÁRIO MÊS	ENCARGOS SOCIAIS	TOTAL GERAL
Ritmistas	01	04	autônomo	15,00	240,00	36,00	276,00
MS/PB	01	04	autônomo	15,00	240,00	36,00	276,00
Sambistas Passistas	01	04	autônomo	15,00	240,00	36,00	276,00
Ballet	01	04	autônomo	15,00	240,00	36,00	276,00
Capoeira	01	04	autônomo	15,00	240,00	36,00	276,00
Informática	01	16	autônomo	15,00	960,00	144,00	1.104,00
Corte/Costura	01	4	autônomo	15,00	240,00	36,00	276,00
Cabelereiro	01	04	autônomo	15,00	240,00	36,00	276,00
Serralheria	01	04	autônomo	15,00	240,00	36,00	276,00
Marcenaria	01	04	autônomo	15,00	240,00	36,00	276,00
Coordenador Adm.	01	40	CLT	–	700,00	413,00	1.113,00
Aux.Limpeza	01	40	CLT	–	250,00	147,00	397,00
Educador	01	40	CLT	–	500,00	295,00	795,00
Pedagogo							
					4.580,00	1.313,00	5.893,00

QUADRO V

COMPETÊNCIAS E RESPONSABILIDADES

	FABES	ENTIDADE
ESCOLHA DO LOCAL		X
ADEQUAÇÃO DAS INSTALAÇÕES		X
MONTAGEM DA EQUIPE E EDUCADORES	X	X
TREINAMENTO DOS EDUCADORES	X	X
DIVULGAÇÃO DO PROJETO	X	X
INSCRIÇÃO DA DEMANDA		X
MATRÍCULAS		X
PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES	X	X
COORDENAÇÃO DO NÚCLEO		X
DESENVOLVIMENTO DA PROGRAMAÇÃO		X
CONFECÇÃO DA ALIMENTAÇÃO (*)		X
HIGIENE		X
ATIVIDADES		X
SUPERVISÃO	X	
CONTROLE E AVALIAÇÃO	X	X

QUADRO VI

CRONOGRAMA

MÊS / DIA	DIA DA SEMANA	ATIVIDADE	CONTEÚDO	LOCAL
MARÇO / 98				
04	Quarta-feira 9:00/11:00	Reunião com Educadores	Organização geral do Projeto	Quadra Rosas de O
18	Quarta-feira 18:00/20:00	Palestra	Orientação sexual (DST e AIDS)	Rosas de Ouro
29	Domingo 14:00/17:00	Congresso de Capoeira	Confraternização	Rosas de Ouro
ABRIL / 98				
04	Sábado 9:00 /12:00	Reunião educadores e pais	Participação direta no Projeto	Rosas de Ouro
10	Domingo 14:00/17:00	Dia das Mães	Almoço com familiares	Rosas de Ouro
15	Quarta-feira 18:00/20:00	Palestras	Educação Ambiental	Rosas de Ouro

QUADRO VI - (Continuação)

CRONOGRAMA

MÊS / DIA	DIA DA SEMANA	ATIVIDADE	CONTEÚDO	LOCAL
MAIO / 98				
15	Sexta-feira 13:00/16:00	Reunião com Educadores	Planejamento mensal	Quadra Rosas de O
30	Sábado	Passeio	Trilha no Horto Florestal	Horto

JUNHO / 98				
27	Sábado 16:00 /20:00	Festa Junina	Confraternização (Familias, usuários e educadores)	Rosas de Ouro
30	Terça-feira 9:00/12:00	Reunião	Avaliação do semestre	Rosas de Ouro

MATERIAL CONSUMO / PEDAGÓGICO

Material	Unidade	Quantidade Utilizada	Tempo Consumo meses	Custo Unitário	Reposição Mensal
Baquetas	caixa	120	mensal	1,00	120,00
Talabaque	caixa	30	4 meses	5,00	37,00
Nylon 12 pol.	caixa	50	3 meses	2,00	33,00
Nylon 6 pol.	caixa	100	3 meses	1,00	33,00
tarrano	caixa	100	3 meses	1,00	33,00
Pavilhão c/ mastro	unidade	10	12 meses	150,00	125,00
Talabaque PB	unidade	10	6 meses	10,00	17,00
Leque MS	unidade	10	6 meses	5,00	12,00
Lenço MS	unidade	10	6 meses	4,00	10,00
Sapatos aprop.	unidade	40	12 meses	30,00	100,00
Colants	unidade	40	6 meses	10,00	67,00
Meias	unidade	80	mensal	2,00	160,00
Sapatilhas/Exerc.	inidade	20	3 meses	6,00	40,00
CD	unidade	06	mensal	20,00	120,00
Berimbau	unidade	03	6 meses	15,00	7,50
Pandeiro	unidade	02	12 meses	40,00	7,00
Atabaque	unidade	01	12 meses	200,00	17,00
Cariri	unidade	30	3 meses	3,00	30,00
Beriba	unidade	30	3 meses	4,00	40,00
Cabaça	unidade	30	3 meses	4,00	40,00
Corda	Unidade	30	6 meses	5,00	25,00
Cadernos	unidade	100	6 meses	3,00	50,00
Lápis	caixa	06	6 meses	3,00	3,00
Caneta	caixa	06	6 meses	6,00	6,00
Borracha	caixa	02	6 meses	5,00	2,00

Total.....1.113,50

Material	Unidade	Quantidade Utilizada	Tempo Consumo meses	Custo Unitário	Reposição mensal
Papel Sulfite	caixa	10	6 meses	59,00	98,00
Carretilha p/ maq.	unidade	20	6 meses	0,50	2,00
Agulha de mão	caixa	02	mensal	2,00	4,00
Agulha de maq.	caixa	01	3 meses	30,00	10,00
Linha de costura	tubo	10	mensal	1,00	10,00
Linha de Overloq.	Kg	03	2 meses	3,00	4,00
Régua/corte	unidade	10	12 meses	35,00	29,00
Papel/Molde	kg	10	3 meses	3,00	10,00
Carretilha/risco	unidade	10	4 meses	1,00	2,50
Tecido	metro	30	mensal	3,00	90,00
Tesoura	caixa	02	6 meses	25,00	50,00
Esquadro de ferro	unidade	10	12 meses	5,00	4,00
Martelo de pena	unidade	10	12 meses	5,00	4,00
Compasso de ferro	unidade	10	12 meses	20,00	17,00
Transferidor/ferro	unidade	10	12 meses	20,00	17,00
Luva cano longo	unidade	10	12 meses	6,00	5,00
Mascara/solda	unidade	05	12 meses	15,00	6,00
Eletroldo	kg	10	6 meses	49,00	82,00
Mangote e avental	unidade	10	12 meses	29,00	24,00
Oculos de proteção	unidade	10	12 meses	8,00	7,00
Pinça	unidade	10	12 meses	6,00	5,00
Marretas	unidade	05	12 meses	12,00	5,00
Brocas	unidade	30	12 meses	8,00	20,00
Alicate/pressão	unidade	05	12 meses	27,00	11,00
Gesso	pacote	02	mensal	10,00	20,00
Botas de proteção	unidade	10	12 meses	23,00	19,00
Chapa de compensado 15/5	unidade	10	2 meses	26,00	130,00
Chapa de compensado 14/5	unidade	10	2 meses	13,00	65,00
martelo de prego	unidade	05	12 meses	20,00	8,00
Serrote	unidade	05	12 meses	20,00	8,00

Total.....766,50

	Unidade	Quantidade Utilizada	Tempo Consuma meses	Custo Unitário	Reposição mensal
Serra circular	unidade	01	12 meses	252,00	21,00
Serra tico-tico	unidade	01	12 meses	229,00	19,00
Água oxigenada 20	litro	01	mensal	2,50	2,50
Água oxigenada 30	litro	01	mensal	3,00	3,00
Algodão	pacote	03	mensal	4,00	12,00
Bálsamo	gel	01	mensal	10,00	10,00
Bigodins 1,2,3	dúzia	01	mensal	2,00	2,00
Bobes 1,2,3	dúzia	01	mensal	0,60	0,60
Capa /corte	unidade	05	2 meses	8,00	20,00
Capa/pintura	unidade	02	mensal	0,50	1,00
Creme / tratamento	pote	05	mensal	2,00	10,00
Creme rinse	pote	05	mensal	3,00	15,00
Escova jacaré	unidade	02	mensal	3,00	6,00
Escova redonda	unidade	03	mensal	5,00	15,00
Gel	pote	03	mensal	2,00	6,00
Grampos	caixa	04	mensal	1,00	4,00
Liquido/perman.t	litro	05	mensal	39,00	195,00
Luvas	par	06	mensal	1,00	6,00
Mousse	pote	03	mensal	12,00	36,00
Neutralizante	litro	5	mensal	6,00	30,00
Oleo Cap	pote	01	mensal	8,00	8,00
Papel Aluminio	rolo	01	mensal	4,00	4,00
Pasta/alisamento	pote	01	mensal	12,00	12,00
Pentes	unidade	06	mensal	1,00	6,00
Pincel p/ pintura	peça	02	mensal	1,00	2,00
Pó descolorante	envelope	10	mensal	3,00	3,00
Prendedor	pacote	01	mensal	1,00	1,00
Protetor de orelhas	par	03	mensal	1,00	3,00
Rinsagem	pote	01	mensal	5,00	5,00
Shampoo	pote	03	mensal	5,00	15,00
Sampoo/neutro	pote	03	mensal	5,00	15,00

Total.....R$ 488,00

	Unidade	Quantidade Utilizada	Tempo Consumo meses	Custo Unitário	Reposição Mensal
Spray	frasco	03	mensal	9,00	27,00
Talco	lata	01	mensal	3,00	3,00
Tintura	tubo	10	mensal	5,00	50,00
Touca/reflexo	unidade	01	mensal	1,00	1,00
Touca termica	unidade	01	mensal	5,00	5,00
Vaselina	pote	01	mensal	1,00	1,00
revistas	unidade	05	mensal	3,00	15,00
Fitas de video	unidade	05	mensal	15,00	75,00
Tinta p/impressora preto	unidade	02	mensal	36,00	72,00
Tinta p/impressora colorida	unidade	02	mensal	39,00	78,00
Formulários	pacote	01	mensal	22,00	22,00
Fita p/impressora	unidade	05	mensal	4,00	20,00
Disquete	unidade	10	mensal	7,00	70,00

Total .....R$ 439,00

TOTAL GERAL .....R$ 2.807,00

DESPESAS GERAIS

	CUSTO DE IMPLANTAÇÃO	CUSTO DE REPOSIÇÃO MENSAL
RECURSOS HUMANOS		**R$ 5.893,00**
MATERIAL DE CONSUMO E PEDAGÓGICO		**R$ 2.807,00**
ALIMENTAÇÃO		**R$ 1.403,00**
FARMÁCIA – HIGIENE		**R$ 539,00**
DESPESAS DIVERSAS		**R$ 1.450,00**
TOTAL GERAL		**R$ 12.092,60**

Observações Gerais :

1. Material farmácia e higiene R$ 539,14 (quinhentos trinta nove reais catorze centavos), conforme fls.51 e 105;
2. Outras despesas fls. 52 R$ 950,00 (novecentos cinquenta reais) com acréscimo de R$ 500,00 (quinhentos reais), devido a necessidade de manutenção com equipamentos de informática;
3. Alimentação R$ 1,10X58 – 63,80X22= 1.403,60 conforme fls. 55;
4. O horário das atividades cobra também parte do período noturno, tendo em vista eliminar-mos qualquer possibilidade de inserção da criança na rua;
5. O educador deve ter uma formação em área psico-pedagogica.